



**INSTITUTO
FEDERAL**
Pernambuco

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
PERNAMBUCO**

CAMPUS RECIFE

DEPARTAMENTO DE ACADÊMICO DE CURSOS SUPERIORES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

IVAN VICENTE DA SILVA

**GEOGRAFIAS PARA O BEM VIVER:
Cartografias em Educação Popular em Saúde**

RECIFE

2025

IVAN VICENTE DA SILVA

**GEOGRAFIAS PARA O BEM VIVER:
Cartografias em educação popular em saúde**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – *Campus* Recife, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Wedmo Texeira Rosa

Coorientador: Prof. Dr. Anselmo César Vasconcelos Bezerra

RECIFE

2025

S586a
2025

Silva, Ivan Vicente da.

Geografias para o bem viver : cartografias em educação popular em saúde / Ivan Vicente da Silva. --- Recife: O autor, 2025.
86f. il. Color.

TCC (Curso de Licenciatura em Geografia) – Instituto Federal de Pernambuco, 2025.

Inclui Referências.

Orientadora: Professor Dr. Anselmo César Vasconcelos Bezerra

1. Geografia da saúde. 2. Ecosófico. 3. Bem viver. 4. Educação popular em saúde. I. Título. II. BEZERRA, Anselmo César Vasconcelos. III. Instituto Federal de Pernambuco.

CDD 910 (21ed.)

IVAN VICENTE DA SILVA

**GEOGRAFIAS PARA O BEM VIVER:
Cartografias em Educação Popular em Saúde**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – *Campus* Recife, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e **APROVADO** em 9 de abril de 2025 pela Banca Examinadora:

Wedmo Teixeira Rosa (IFPE/CGEO)
Orientador
Doutor em Geografia – UFPE

José Roberto Henrique Souza Soares (UFPE/PPGEO)
Examinador Externo
Mestre em Geografia – UFPE

Maciel Henrique Carneiro da Silva (IFPE/CCHL/CGEO)
Examinador Interno
Doutor em História Social – UFBA

Recife – PE
2025

Dedico este trabalho à minha mãe que sempre esteve ao meu lado, que me deu apoio,
incentivo nas horas difíceis e foi uma mulher de fibra e inigualável. *In memoriam*

Margarida Josefa da Silva

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos professores Wedmo e Anselmo por aceitarem o convite de orientar este trabalho

Aos professores, Maciel, Clézia, Fernanda, Adauto, Marcello, Nielson, Manuella, Marcos, Enildo e Mário pelas contribuições em minha formação.

Agradeço a minha família por todo apoio que me foi dado durante todo este percurso.

Agradeço aos pesquisadores-participantes e afilhados que tanto me apoiaram durante o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço a minha companheira de todas as horas, Yafê Di Napoli, pelo registro das imagens e captação de áudio.

Agradeço a Jurema Sagrada por me sustentar e firmar meus passos. A minha mestra Maria Luziara, a meu Mestre Sibamba, assim como todas as entidades de Caboclos, Pretos Velhos, Pombagiras e Exus.

“Nós estamos vivendo um momento no nosso Planeta que suspende a todos nós do nosso estado cotidiano. E não podemos operar no automático. Cada um de nós acordou nesta manhã com a experiência de um repouso e uma recepção de um dia novo que nos aparece.

Nós não podemos viver no automático.

Eu convido vocês a experimentarem alguma mudança nesse contato e pegarem algum elemento da natureza, como folhas, pedras, terra, um pouco de água, ou outros. A ideia é que vocês tenham alguma experiência daquilo que chamou de fricção com a vida, para não vivermos em câmera lenta. Para vivermos em conexão. Isso permite fazermos uma experiência sensorial, que é exatamente a de transporte essa distância.

Então, mediados por esses materiais, podemos ficar nessa ligação com o quê é mineral, com o que é vegetal, com esses elementos da natureza, porque eles estão no nosso corpo também. Então a gente pode fazer uma conexão por meio deles. Podemos fazer uma experiência de uma conexão que não é só virtual. Podemos fazer uma conexão sensorial, em outros termos, com o propósito desse nosso encontro, porque assim ele fica mais potente e mais animador para todos nós. (KRENAK, 2020, p. 4)

Epígrafe

RESUMO

No pós-pandemia é urgente um pensamento ecosófico para o Bem Viver. A Geografia da Saúde tem como objetivo utilizar o conhecimento geográfico em benefício da saúde. Contrapondo o estado da educação básica, a educação popular aparece como forma alternativa de aprender fazendo. A aproximação da geografia com a área ambiental vem se fortalecendo nas últimas décadas, esta trajetória favoreceu a aproximação da geografia com a saúde. Esta é uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa-ação. A população estudada é frequentadora de um Terreiro de Jurema no município de Carpina-PE. A coleta de dados foi feita através de duas oficinas operacionalizadas na cartografia do desejo, na educação popular em saúde e na Ecosofia de Bem Viver. A análise dos dados utilizou-se da esquizoanálise. Como resultados tivemos as cartografias feita pelos pesquisadores-participantes através de diálogos, imagens e falas espontâneas. Essas oficinas permitiram que os participantes da pesquisa ampliassem sua capacidade de compreensão crítica da Ecosofia do Bem Viver, através das instituições nas quais se inserem, principalmente no terreiro de Jurema Sagrada, no qual a ação dos agentes envolvidos contribuiu para uma micropolítica se si mesmos, dos outros e da dinâmica social e histórica.

Palavras-chave: Bem Viver; Ecosofia; Educação Popular em Saúde; Geografia da Saúde.

ABSTRACT

In the post-pandemic era, an ecosophical approach to Good Living is urgently needed. Health Geography aims to use geographic knowledge to benefit health. In contrast to the state of basic education, popular education appears as an alternative way of learning by doing. The approximation of geography with the environmental area has been strengthening in recent decades, and this trajectory has favored the approximation of geography with health. Popular education appears as an alternative way of learning by doing. This is a qualitative research of the action research type; the population studied is a frequenter of a Terreiro de Jurema in the municipality of Carpina-PE. Data collection was carried out through two workshops operationalized in the cartography of desire, in popular education in health and in the Ecosophy of Good Living. Data analysis used schizoanalysis. As results, we had the cartographies made by the participating researchers through dialogues, images and spontaneous speeches. These workshops allowed the research participants to expand their capacity for critical understanding of the Ecosophy of Good Living, through the institutions in which they are inserted, mainly in the Jurema Sagrada terreiro, in which the action of the actors involved contributed to a micropolitics of themselves, of others and of the social and historical dynamics.

Keywords: Living Well; Ecosophy; Popular Health Education; Health Geography.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	MODELO TEÓRICO	15
2.1	A Geografia da Saúde: algumas considerações	15
2.2	A Geografia da Saúde na intensidade da Educação Popular em Saúde	18
2.3	A Ecosofia e o Bem Viver: caminhos possíveis	21
3	MÉTODOS	24
3.1	Desenho do estudo	24
3.2	População do estudo	26
3.3	Definição e operacionalização das variáveis	27
3.4	Coleta de dados	28
3.5	Processamento e análise dos dados	33
3.5.1	Processamento dos dados	33
3.5.2	Análise dos dados	33
4	TRILHAS CARTOGRÁFICAS	35
4.1	Trilha 1 - Acolhimento	36
4.2	Trilha 2 - Aquecimento	37
4.3	Trilha 3 - Produção	39
4.4	Trilha 4 - Compartilhamento	41
4.4.1	Bem Viver: a Educação Popular em Saúde	42
4.4.2	Tratados à Ecosofia: acordo Bem Viver	56
4.5	Trilha 5 - Avaliação	65
4.6	Trilha 6 - Fechamento	67
5	MULTIPLICIDADE DIALÓGICA DE SABERES NÔMADES	68
5.1	Territorialidades da Jurema Sagrada: a geografia da saúde e a educação popular	68
5.2	Escola Livre de Educação Popular em Saúde	70
5.3	A Ecosofia do Bem Viver: cartografias do desejo geográfico ou a geografia moral	72
5.4	Geografia do Bem Viver: a geografia da saúde na perspectiva da Ecosofia	75
5.5	De volta ao espaço-tempo da Jurema Sagrada: o movimento do futuro ancestral	78
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
	REFERÊNCIAS	83

1 INTRODUÇÃO

Hodierno, parece que chegamos a dita pós-modernidade como reformistas do sistema nervoso central da Terra. Esta cópula do mundo simbolizada no imaginário popular de educação telemáticas em telecomunicações diabéticas, pessoas sentindo-se como a própria doença do mundo. Qual será a nova tendência de uma pandemia? As máscaras sociais voltaram-se com tudo ao julgamento moral.

Contudo, insurgiram como observadores quânticos. Necessidade científica de unificação de seus fragmentos na busca de compreensão pelo mundo. Este mundo que vira Seu. Como se Céu fosse Deus.

Uma explicação vulgar para muitos cientistas. Porém, certamente o vulgar só foi desmembrado do popular para que se parecesse erudito à nobre ciência de grande excelência. A palavra vazia do mundo não possui mais um único símbolo em sua língua. A linguagem comeu sua língua, defecou seu símbolo na história. A pandemia das Grandes Guerras afetou a cura do mundo. Seu cuidado preventivo vem socorrendo o cuidador do mundo e da Terra.

O mundo recentemente sentiu os abalos de um processo de adoecimento coletivo de alta gravidade. Todavia, isto não impediu que as forças macropolíticas ignorassem os sintomas terrestres e prosseguissem com os modelos desenvolvimentistas do capitalismo judaico-cristão ocidental. Ampliando este aspecto espiritual às cosmovisões ameríndias em contraste com os missionários americanos, a saúde do planeta se encontra com a morte estúpida pela chegada de invasores indesejáveis.

Durante a pandemia do novo coronavírus, a educação foi espacialmente territorializada nas telas de microcomputadores. A hierarquização da educação brasileira, do ensino básico ao superior, se conectara na mesma plataforma, porém, permaneceram isoladas socialmente. As multiplicidades educativas serviram de estímulo como compensadores dos agravos da doença. Essas contradições já eram evidenciadas antes mesmo do período pandêmico, porém as desigualdades sociais foram acentuadas e as fragilidades das relações humanas com a natureza ficaram expostas. O adoecimento global espalhou-se como um vírus de computador mundial que atualiza a cada instante milhares de órbitos e hábitos insalubres.

Ao mesmo tempo, o cenário político brasileiro, desde o golpe na presidente Dilma em 2016, aprovava uma sequência de reformas (trabalhista, previdenciária, ensino médio, administrativa) que só provocaram crises ao Bem Viver das trabalhadoras brasileiras, culminando em surtos ainda mais acentuados de iniquidades e miséria da população. Seguindo essa lógica mecanicista e fragmentada do território político dos corpos da Terra,

essas reformas buscaram manter as bases estruturais da máquina capitalística brasileira, tratando os problemas com remediações e não com ações de saúde.

Logo, as pessoas possuem muito mais uma percepção acerca do que seja saúde na busca pelo bem-estar, do que realmente uma a percepção da saúde em seu sentido ampliado às multiplicidades do Bem Viver. A saúde é um conceito complexo que segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) envolve várias dimensões, como por exemplo as dimensões física, mental, social e espiritual. É importante frisar que este mesmo conceito é adotado pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Ou seja, a saúde é um direito universal de direito à Terra e de todos aqueles que coabitam nela.

Contudo, o modelo biomédico hospitalocêntrico tende a enxergar a saúde apenas como a ausência de doenças, superdimensionando a saúde médica em especializações partidas do corpo humano numa perspectiva reducionista e simplista das dimensões que envolvem a saúde. Isto só dificulta a interdisciplinaridade das ciências criarem campos comuns de saúde integrada, envolvendo os fatores determinantes e condicionantes da saúde. A simplificação da saúde em oposição a doença é um agenciamento maquínico do modo de produção capitalista, que mercantiliza a vida ao vender direitos que seriam capazes de prevenir riscos ao Bem Viver causados pela busca falaciosa do bem-estar.

Ademais, há de se considerar que este espaço disputado politicamente por forças de poder hegemônicas e contra-hegemônicas se coadunam nas fronteiras das comunidades de povos originários, tensionando a expansão das territorialidades (des)construídas. O pensamento fragmentado, destarte, só refletiria o ego não integrado dos indivíduos, colocando em risco o Bem Viver planetário por atuar numa lógica individualista, ao invés de um modelo de saúde que priorize a atenção primária e considere os determinantes sociais expressos na organização socioeconômica e política do país. A criação de espaços de resistência conservam a saúde do planeta ao criar mecanismos de superação colonialista das culturas dos povos. Assim, não se nega em nenhum momento as doenças e agravos da saúde, por isso buscamos as práticas promotoras de saúde, a partir de uma saúde humanizada com base na educação popular. A micropolítica do poder reflete os movimentos reformistas de outrora que trouxeram garantia de direitos políticos, como o trabalho, a saúde, a educação e o meio ambiente, organizados socialmente.

A policrise vivida durante a disseminação do COVID-19¹, obrigou-nos a pensar em outras estratégias de convivência com a natureza e o próprio ser humano, buscando a ruptura do modelo hegemônico tradicional de desenvolvimento e propondo uma ecosofia que subverta a lógica do capital ao Bem Viver planetário. Atrelado a este cenário, hodierno, torna-se evidente como a crise climática ameaça a vida do planeta com um fim do mundo apocalíptico e impossibilitado de cura. Do outro lado, os conflitos armados intensificam suas tensões no caminhar do século, enquanto uma chuva de mentiras e insegurança atravessa as redes sociais e infecciona a mente de milhares de pessoas.

Num mundo onde a necessidade advinda da Revolução Científica reivindica seu lugar na construção do conhecimento humano, torna-se cada vez mais relevante trabalhos científicos que rompam com o modelo cientificista hegemônico que serve de termômetro ao sistema capitalista.

A Geografia precisa, então, descentralizar as circularidades de seu objeto na construção de uma nova dimensão do espaço, para isso precisa compreender a importância da expansão de sua territorialidade. Ou seja, a Geografia precisa se ver como multiplicidade geográfica do/no espaço-tempo. Para isto precisa encontrar seus pontos de intersecção entre suas geografias e possibilitar o encontro com novas Geografias, aqui abertas em trilhas cartográficas. Estas trilhas são o desejo coletivo criando linhas de fuga das Geografias para o Bem Viver.

Por ser parte do território adstrito da Atenção Primária da Saúde, os lugares sagrados, como os terreiros de Jurema Sagrada são, por conseguinte, um espaço potencial para a criação de estratégias que promovam Geografias para o Bem Viver, através da Educação Popular em Saúde. Entretanto, esse objetivo só pode ser alcançado articulado em/às (outras) redes de multiplicidades rizomáticas tal qual a geografia da Saúde. Destarte, o ensino-aprendizagem de geografia da saúde cria espaços para uma abordagem metodológica crítico reflexiva da realidade, na qual os sujeitos se tornam agentes ativos na mudança social desejada.

Esta esquizoanálise metodológica incorpora-se nesta pesquisa como alternativa ao risco do erro e da ilusão tão deslocados nas representações sociais. Entretanto a limitação do pensamento é invadida por novos desejos que são cartografia de afetos. Criam-se linhas de

¹ A COVID-19 é uma infecção respiratória causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2. A doença é potencialmente grave, altamente transmissível e espalhou-se por todo o mundo a partir de 2020, levando a Organização Mundial de Saúde (OMS) a classificá-la como Emergência Internacional de Saúde Pública de Importância Internacional em 30 de janeiro de 2020 e como pandemia em 11 de março de 2020. Em maio de 2023, a OMS anunciou o fim da fase de emergência internacional da COVID19, mas a doença continua sendo considerada uma ameaça a saúde pública nos dias atuais.

fuga em cruzamentos de falas não ditas, tampouco escritas para serem digitalizadas pelo processo maquínico. Este texto científico está encharcado de subjetividades. Várias vozes acabam por formar os interlocutores desta pesquisa-ação.

As oficinas são caminhos que propõem alternativas ao modelo tradicional de educação. Elas atuam a partir de uma perspectiva de horizontalidade e interação na construção de saberes. Compreende-se, como modelos de metodologias ativas de aprendizagem e tecnologias educativas que precisam ser cada vez mais difundidas. Os interesses políticos conduzem a formação social e cultural aos interesses impostos pelo neoliberalismo econômico, torna-se, condição *sine qua non*, o papel do educador popular atuar, também, na lógica da micropolítica, implodindo o sistema e construindo uma educação que liberte a Ecosofia do Bem Viver das grades impostas pelo capitalismo.

Os problemas que continuam a emergir no pós-pandemia nos revelam as concomitantes pandemias que vem adoecendo e destruindo diversas vidas do planeta. A policrise ambientais, econômicas, sociais, etc. apenas indicam que o câncer do capitalismo continua a devorar a Terra. Temos que combater a normose imposta pelo novo normal, como retomada de um modelo de vida para poucos.

Os povos de terreiros são agentes políticos da saúde espiritual em seus princípios constitucionais, pois são esses os povos advindos de antepassados que foram diluídos na mistura de soluções pseudocientíficas em disputa no mundo. Esta cartografia, não é um produto científico fabricado na academia das belas artes de geografia, tampouco falando sobre saúde desconsiderando todos os saberes ancestrais que nos alertam diariamente nas sombras de nossa persona consciente.

Diante de tudo isso, apercebi-me com a seguinte questão ou/e inquietação: Como a geografia da saúde pode ser constitutiva da educação popular em saúde numa visão de mundo ecosófica e produtora do Bem Viver em um terreiro de Jurema Sagrada? Por isso, tomei como objetivo principal deste trabalho implementar oficinas de educação popular em saúde para o Bem Viver em um terreiro de Jurema. Já os objetivos específicos foram: Produzir oficinas expressivas num terreiro de Jurema Sagrada; Compartilhar experiências do Bem Viver numa perspectiva ecosófica da Geografia da Saúde; e Promover ações de Educação Popular em Saúde para o Bem Viver.

Tanto o adoecimento físico quanto o adoecimento mental configuram as diretrizes do bem-estar para uma mente sã e corpo são. A perspectiva sanatória da saúde encarcerou e matou muita gente na oferta da cura para os males do corpo e da alma. Não há adoecimento mental sem prejuízo social. O adoecimento social está contaminado pelo individualismo e

todos os demais “ismos” espalhados pela sociedade. Já o adoecimento espiritual aparece nos sintomas religiosos, como pastores que querem converter pessoas LGBTQIAPN+ em normativas doutrinárias religiosas cunhadas de violências. A ética moral da religião dissolve a espiritualidade no antídoto contra a doença ou o grande mal do mundo. A função julgadora do pensamento precisa escolher entre isto ou aquilo.

Estar bem ou estar mal quer dizer estar com saúde ou sem saúde. Estar sem saúde é uma aproximação instantânea com a morte. A morte desperta a consciência humana para seu devir no mundo.

É importante lembrar às pessoas que se interessaram por este trabalho, que por mais que esta pesquisa siga as normas científicas estruturais e fundamentais para a ciência, o pesquisador propõe também um ato disruptivo de leitura e escrita. A ilusão arbórea que o livro nos traz não é uma cartografia. Mas sim uma representação social fadada ao erro e à ilusão. A pertinência dos conhecimentos apresentados aparecem em cada uma das seções deste trabalho com platôs. Pois nenhuma parte deste texto foi desmembrada de sua totalidade e cada parte contém mais subjetividades do que objetividade. Não há nenhuma intenção de me encaixar em qualquer modelo ultrapassado e colonialista, contudo, esta é uma pesquisa permanentemente aberta ao diálogo e a construção de novos caminhos.

É preciso agir como anticorpos, lutando pelos direitos humanos e direitos da natureza, pela democracia e pela construção coletiva, defendendo todas as formas de vida da terra. Assim, as seções deste trabalho são esquizoanálises de geografias para o Bem Viver. São cartografias de educação popular em saúde numa perspectiva de interdisciplinaridade com a geografia da saúde. Estas trilhas abertas nos levam às multiplicidades de caminhos metodológicos. As trilhas cartográficas são os resultados que traçaram as linhas desta pesquisa-ação esquizoanalítica. Nela são tecidas narrativas que contam histórias do Bem Viver enquanto traçam trajetórias de linhas de fuga capazes de adiar as previsões apocalípticas.

Enquanto que na secção discursiva, a dialogicidade dos nômades do saber apresentam encaminhamentos e respaldos científicos que defendem geografias para o Bem Viver, considerando os dados obtidos nesta pesquisa. Por fim, as considerações finais amarram as inquietações provocadas durante o percurso criando novas possibilidades e caminhos desterritorializados que não se fecham neste trabalho, mas se abrem a novos começos e projetos futuros contínuos.

2 MODELO TEÓRICO

A filosofia grega dominou por milênios o pensamento ocidental. No Brasil, adentra na população com a chegada de embarcações ibéricas. Engendradora na Revolução Científica, o pensamento humano passou a ser segmentado em conceitos cientificamente aceitos pela comunidade estratosférica.

2.1 A geografia da saúde: algumas considerações iniciais

A Geografia da Saúde é uma área emergente da geografia que vem crescendo nas últimas décadas. Seu objetivo é utilizar o conhecimento geográfico em benefício da saúde. Para isso, vem mostrando a sua importância através de trabalhos científicos e grupos de pesquisa, ainda que seja incipiente sua presença na maioria dos meios acadêmicos (Bezerra, 2020), sobretudo na educação popular. Como aponta Guimarães (2015), a presença da Geografia da Saúde ocorre, muitas vezes, articulada com outros campos da Geografia, sobretudo no que se refere às humanidades, demonstrando, assim, sua capilaridade e importância de novos estudos em seu campo.

O surgimento da Geografia da Saúde está associada à Geografia Médica (Vaz, 2010; Anute *et al*, 2020) sendo reconhecida por ambas denominações (Dias; Junqueira, 2009; Junqueira, 2009), como observado na principal revista de geografia da saúde no país, a Hygeia: Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde. Todavia, há necessidade de um movimento circular da saúde que rompa com o modelo biomédico hospitalocêntrico e manicomial. Este modelo como nos aponta os trabalhos de Anute *et al* (2020) e Guimarães (2016) foi baseado na ciência (im)positivista que dominou o pensamento do século passado na divisão do mundo em dicotomias reduzidas a unicausalidade, ou seja, a saúde como ausência de doenças. Isto repercute na dificuldade epistemológica e metodológica, da Geografia da Saúde atual, avançar nos estudos e pesquisas com abordagens para além do método tradicional (Dias e Mendonça, 2020).

Destarte, Dias e Mendonça (2020) relatam a influência da geografia crítica marxista na América Latina juntamente com os movimentos sociais que eclodem a partir da segunda metade do século XX para a emergência da Geografia da Saúde no Congresso de Moscou em 1979, como alternativa a concepção de saúde maniqueísta dada pelo modelo flexneriano que, segundo Duarte (2015), disciplinava a Geografia Médica desde sua fundação em 1949 pela União Geográfica Internacional (UGI).

A importância da geografia crítica marxista para a geografia da saúde, principalmente através das contribuições de Milton Santos sobre as questões do espaço-tempo técnico científico informacional, demarca um novo território da geografia da saúde que vinha sob forte influência da corrente (neo)positivista que fundaram a geografia médica (Duarte, 2015). Por outro lado, como apontam Guedes (2012) e Guimarães (2015), às abordagens humanísticas, também, conseguem trazer contribuições importantes, ao considerar a (con)vivência e experiência das pessoas no espaço-tempo (con)vivido. Tudo isso sugere que o campo de geografia da saúde é de grande extensão à descoberta de novas aplicações e articulações para a capilaridade da saúde e da própria geografia.

Ao propor uma Geografia da Saúde no lugar de uma Geografia Médica a Geografia quer romper com o paradigma médico que define o que é saúde, historicamente definido em oposição a doença (Vaz, 2010). Conforme, Peiter (2005) e Guimarães (2015) a Geografia contribui para o conceito de saúde ao propor uma ampliação do conceito geográfico de saúde. Logo, a geografia da saúde tem um papel recíproco em geografia e em saúde, visto que contribui para o desenvolvimento da teoria, da pesquisa e do conhecimento nos dois campos.

Por apresentar uma compreensão da geografia da saúde, este tipo de geografia visa ser uma integração dos conhecimentos geográficos e da saúde, e não apenas um geografismo insensato. Os conceitos Geografia e Saúde são chaves que abrem portas para novos conhecimentos acerca da humanidade em sua relação com a natureza.

Muitos dos trabalhos de geografia da saúde estão voltados para pesquisas quantitativas. Segundo Ribeiro (2014) e Farias (2014), houve um avanço massivo das pesquisas que se utilizam de Sistemas de Informação Geográfica (SIG) a partir da década de 1980, contribuindo com o uso de dados para a formulação de políticas públicas (Vaz; Remoaldo, 2011). Porém, as pesquisas qualitativas ainda são menos frequentes, havendo uma forte utilização dos conhecimentos geográficos nestes estudos sem que se mencionem a geografia (Guimarães, 2016). Assim, de acordo com Ribeiro (2014), o geógrafo da saúde não é só um técnico mapeador, mas um aplicador da geografia da saúde em campo. Corroborando com Bezerra (2020) que salienta a necessidade de uma geografia da saúde aplicada nos diversos contextos.

Dias e Mendonça (2020) afirmam que a Geografia da Saúde surgiu no século passado rompendo com a visão dicotômica da geografia médica, a qual se aproximava mais de uma racionalidade médica do que propriamente da saúde ou da geografia. Assim, surge também a necessidade de uma geografia da saúde aplicada, defendidas por Guimarães (2015) e Bezerra (2020), que incorpore em sua prática ações de transformação da realidade, promovendo a

saúde e o Bem Viver. O campo da geografia da saúde emerge na geografia com a força potencializadora que a saúde tem de elevar a uma nova complexidade as dimensões e cosmovisões sob o olhar ecosófico.

A geografia da saúde é uma abordagem recente da Geografia que vem contribuindo para uma compreensão mais integral do conceito de saúde. Assim, a geografia da saúde se propõe a atuar numa lógica oposta ao modelo hegemônico hospitalocêntrico, isto é, a atuar no modelo de vigilância à saúde. Destarte, é urgente a aplicação da geografia da saúde em seus diversos campos como prática de promoção da saúde (Pereira, 2010; Guimarães, Pickenhayn e Lima, 2014). A perspectiva integral da saúde exige uma compreensão ecosófica do que seja a saúde.

A aproximação da geografia com a área ambiental vem se fortalecendo nas últimas décadas, esta trajetória favoreceu a aproximação da geografia com a saúde. Inicialmente os trabalhos voltaram-se para uma perspectiva de mapeamento de territórios e a distribuição espacial de doenças e de equipamentos de saúde. Contudo, há uma tendência de crescimento das publicações de estudos de atenção à saúde que caminham para o diálogo interdisciplinar (Duarte, 2015).

O conceito de saúde adotado pela OMS, apesar de trazer um ponto de vista positivo, sofre duras críticas quando trata da saúde como um “estado”. Sendo, a saúde dinâmica em todas as dimensões que abrange, não pode ser levada a um estado de inércia, como se fosse uma fotografia do corpo. A saúde está em movimento e se movimenta junto com a coletividade (Barcellos, 2018).

Outro ponto que merece crítica neste conceito de saúde se refere ao estado de bem-estar. Este conceito está pautado no modelo desenvolvimentista eurocêntrico, logo o Bem Viver se torna um termo mais atual e condizente com as práticas e saberes dos povos que enxergam a saúde como algo vivo, inerente ao ser humano e as demais formas de vida da terra. Ou seja, uma ecosofia que transcende as paredes do corpo, da casa e do planeta, numa relação de comunhão universal com o cosmo.

Esse movimento crítico ganha força na América Latina com o avanço da geografia marxista. Por outro lado, as estruturas hegemônicas mantinham suas posições de privilégios na hierarquização do salário, classificando os trabalhadores em níveis de escolarização. Assim, a luta da classe trabalhadora, por melhores condições de vida, espalhava-se pelo continente como forma de resistência ao maquinário capitalista que destituiu o homem de sua humanidade. As tensões impostas por esses conflitos encontraram resistências na Ecosofia do Bem Viver percebidos na explosão dos movimentos sociais que se expandiram pela América

Latina. Esses movimentos sociais pautados fortemente nos direitos humanos influenciaram a Carta Magna de 1988, no Brasil, assim como também foram constituintes de outros países.

2.2 A geografia da saúde na intensidade da Educação Popular em Saúde (EPS)

Pensar geografia e saúde como campos complementares do conhecimento se põe como um desafio do século XXI. Durante muito tempo, como aponta Guimarães (2016), imperou o saber dicotomizado, fragmentado e antagônico da saúde e da própria Geografia. Pode-se considerar, como exemplos, guardando as suas devidas proporções, o binarismo da saúde como oposição da doença ou mesmo da saúde individual e da saúde coletiva; ou ainda, da divisão entre geografia física e geografia humana; da geografia geral e da regional (Pereira, 2021) que tanto confundem a *práxis* dos geógrafos. Este saber cartografado no plano cartesiano das ciências modernas, sob a perspectiva de Descartes, foi incorporado pelo positivismo e neopositivismo que imperou no século passado e foi usado como máxima da verdade científica.

Essas dicotomias são sentidas não apenas pela saúde ou geografia, mas também por outros campos da ciência, como o meio ambiente, o trabalho e a educação. Sendo refletidas na educação bancária, no trabalho alienado/escravizado, no neoliberalismo econômico, no patriarcado e no desenvolvimento capitalístico egocêntrico. A binarização do mundo em lados opostos é milenar. Contudo, a compreensão maniqueísta das dualidades estruturais leva a uma (di)visão ilusória e limitante da realidade, como demonstrado no racionalismo cartesiano ou mais recentemente, na compreensão da terra plana. Assim, a integração do conhecimento e de áreas do conhecimento (Guimarães, Pickenhayn e Lima, 2014) se faz necessária e se mostra como um desafio necessário deste milênio. Em suma, a passagem da geografia médica para a geografia da saúde marca a ruptura com o paradigma cartesiano e abre-se às novas possibilidades metodológicas e de prática profissional que se preocupam com a Ecosofia do Bem Viver considerando os diversos elementos que formam a paisagem.

Na ciência geográfica os efeitos dessa fragmentação não foram tão diferentes de outras ciências modernas. Isto repercute na própria Geografia se reconhecer como parte integrante das Ciências da Saúde. Ao mesmo tempo, ainda impera uma dificuldade epistemológica das Ciências da Saúde reconhecerem a saúde integrada às ciências da humanidade. Desta forma, deve-se reconhecer a importância do Sistema Único de Saúde (SUS) como precursor dos

avanços dos estudos voltados para a geografia de atenção à saúde e a implementação de políticas públicas.

Com a reforma do ensino médio em 2017, que entrou em vigor em 2025, abriu-se um novo desafio à educação e ao ensino de geografia. Precisamos muito mais de uma “atitude revolucionária” (Pickenhayn, 2008) da educação do que propriamente uma reforma, uma vez que a estrutura educacional de base escolar ainda não conseguiu transformar esse espaço em uma espécie de casa comunitária ou oca mãe, o que ocorre inclusive com outros serviços públicos adjacentes. "O capital é irreformável porque, pela sua própria natureza, como totalidade reguladora sistêmica é incontrolável e incorrigível" (Mészáros, 2015, p.12-13).

A lógica privatista e seletiva faz com que uma parcela da população não consiga acessar esses serviços ou sejam desestimulados a permanência e continuidade nos mesmos, o que acarreta problemas de saúde em suas várias dimensões. Por isso, precisamos de práticas alternativas e complementares ao sistema educativo brasileiro que evidencie os espaços comunitários em centros educativos e culturais livres.

A estratégia reformista de defesa do capitalismo é de fato baseada na tentativa de postular uma mudança gradual na sociedade através da qual se removem *defeitos específicos*, de forma a minar a base sobre a qual as reivindicações de um *sistema alternativo* possam ser articuladas (Mészáros, 2015, p.62).

É importante frisar que durante a pandemia da covid-19, a saúde, por mais que estivesse em pauta, não foi priorizada na maioria das decisões políticas que permaneceram focando muito mais em questões econômicas. O modelo hospitalocêntrico foi privilegiado como forma de combate ao vírus, contudo ficar em casa isoladamente demonstrou ser mais efetivo no enfrentamento do novo coronavírus, diminuindo a incidência de casos e impactando de forma salutar no próprio ambiente (Bezerra, 2020). Isto nos leva a perceber a toxicidade da relação entre o ser humano e a natureza, que acarreta prejuízos ao Bem Viver do planeta.

Além, do enfrentamento urgente da pandemia do novo coronavírus, concomitante ao enfrentamento de outras pandemias sociais, como a fome, o desemprego, o racismo, o machismo, a miséria, o desmatamento, a violência, a monocultura, o fascismo, a ignorância, o preconceito, a opressão da sexualidade, o fundamentalismo religioso, o consumismo desenfreado, o especificismo... os direitos humanos e os direitos da natureza também foram atravessados por um contexto político de golpe.

Diferente da saúde brasileira regida pelos princípios da hierarquização e descentralização, a educação brasileira é hierarquizada em etapas de ensino centralizadas na escola e no trabalho alienado. Para se alcançar os postos mais elevados da educação deve-se

passar por uma espécie de funil que se estreita mais a cada nível passado. Compondo a formação da educação básica está o ensino de geografia construindo os conhecimentos de uma ciência integrada às temáticas transversais como a saúde, o meio ambiente e o trabalho, bem como de práticas ecosóficas para o Bem Viver. Estas temáticas são previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) podendo ser trabalhadas por todas as disciplinas de formação geral básica, incluindo o ensino de geografia. Tem-se ainda como temáticas transversais o meio ambiente, a economia, a cidadania e civismo, o multiculturalismo e a ciência e tecnologia (Brasil, 2018).

A divisão focada no ensino, suprime a aprendizagem de sua titulação, o que dá indícios de um modelo caduco, porém, ainda hegemônico nas salas de aula. A educação bancária e descontextualizada é, assim, um dos grandes desafios de mudança para que possamos atingir uma educação pública libertária e de qualidade que promova o Bem Viver, a dignidade humana e da Terra, a solidariedade econômica e o pensamento ecosófico. Para isso, é preciso tecer junto os antagonismos epistemológicos e metodológicos, como o ensino-aprendizagem, sujeito-objeto, saúde-doença, natureza-cultura, selvagem-civilizado, vida-morte etc, numa postura política-ética-estética de compreensão de uma terra rizomática que habita tanto os seres bióticos quanto os abióticos.

Contrapondo o estado da educação básica, a educação popular aparece como forma alternativa de aprender fazendo. As instituições precisam se enxergar como lugares educativos, não é dever apenas da escola se preocupar com a educação. Por isso, os modelos de escolas livres de educação popular são necessários no enfrentamento de uma educação engessada em paradigmas ultrapassados e desmembrados do contexto atual da formação social necessária à educação do futuro.

Também, pode-se observar a aproximação da geografia da saúde e educação na revista *Hygeia* uma vez que se localiza nessa intersecção. Esta aproximação vem do passado histórico na qual também a renovação crítica da geografia escolar (Farias, 2014), baseada na construção do conhecimento e saberes coletivos. Há muitas pesquisas subnotificadas para serem desenvolvidas entregues às bibliotecas juntam-se num banco de dados geográficos no qual a geografia da saúde consegue destacar seu campo profissional. Aqui a denúncia é manifesta na desconstrução linguística da própria linguagem científica mecanizada que operacionaliza os saberes como pensamentos cartesianos e representações sociais estereotipadas.

A Portaria N° 2.761, de 19 de Novembro de 2013, institui no âmbito do SUS a Política Nacional de Educação Popular em Saúde, propondo uma prática político-pedagógica de ações

de promoção, proteção e recuperação da saúde valorizando os saberes populares, a ancestralidade, o incentivo a produção individual e coletiva de conhecimentos e a inserção destes no SUS (BRASIL, 2013).

É importante lembrar que esta política já vinha sendo colocada em pauta nas conferências de saúde (2004, 2008, 2011) e que em 2012 o Conselho Nacional de Saúde, reafirmou seu compromisso com as práticas populares ao aprovar a lei que regulamenta a Educação Popular em Saúde. Do outro lado, temos a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde, esta voltada à prática e qualificação profissional dos trabalhadores da saúde. Assim, sobre estas vertentes se estabelece a Política Nacional de Educação em Saúde.

A PNEPS-SUS é orientada pelos seguintes princípios: diálogo; amorosidade; problematização; construção compartilhada do conhecimento; emancipação; e compromisso com a construção do projeto democrático popular. Esses princípios emergiram nos resultados desse trabalho como pistas das trilhas cartográficas apresentadas. O fortalecimento dessa política vem através da união entre teoria e prática, colocando os sujeitos envolvidos na pesquisa como agentes da mudança social desejada. Assim, a geografia da saúde para o Bem Viver combina elementos políticos e democráticos de acesso e continuidade de direitos básicos para a manutenção da vida na Terra.

2.3 A ecosofia e o Bem Viver: caminhos possíveis

Numa primeira percepção, talvez pensar os caminhos da Ecosofia e do Bem Viver possam nos parecer muito distantes. Contudo, nas encruzilhadas da vida é possível perceber como esses caminhos se encontram no grande oceano do tempo. Com isso, quero dizer que por mais que a teoria da Ecosofia nascida no berço do eurocentrismo não possa dialogar com o Bem Viver de Pachamama numa proposta de pensamento contra-colonial.

Assim, por mais que as teorias pareçam distantes, tanto geográfica quanto cientificamente, um estudo mais detalhado dessas cosmopercepções, nos possibilita uma abertura para um mundo que ainda existe e que diante de suas problemáticas urge o cuidado do pensamento com a Terra. Se o ser humano inventou a máquina a sua imagem e semelhança a Terra não fez diferente quando criou o *homo sapiens sapiens*. Entretanto, a ilusão perceptiva do homem patriarcal com sua própria imagem o colocou isolado no topo desesperador do mundo, um ambiente anecúmeno, onde o ar é rarefeito e impossível de viver sem que se tenha de buscar as condições de manutenção nas partes mais rebaixadas do planeta.

Durante, todo o percurso da humanidade, os caminhos que levam aos rios, as planícies e vales foram a confluência dos povos. A cultura segue o caminho do rio e quando chega aos oceanos embarca em correntes que a leva em movimento por todo o mundo. Desmembrar o ser humano de sua história é apagar sua existência, é genocida, racista, classista, machista, reducionista e simplista. Pois, os atos de resistência que perduram até hoje escrevem suas histórias não com os símbolos tradicionais do colonizador, mas como indumentárias contemporâneas repletas de novas simbologias e significados. “É nesse contexto de rupturas, de descentramento, de multiplicação dos antagonismos e de processos de singularização que surgem as novas problemáticas ecológicas” (Guattari, 2009, p. 14). A energia que dá vida a esta ferramenta que chamamos ‘celular’ é tão limitada quanto a energia das células nervosas de nosso corpo. Talvez um deslocamento de saltos quânticos da física moderna nos oriente a um pensamento dialógico de saberes ancestrais.

Pensar na geografia da saúde articulada e integrada à ecosofia proposta por Guattari (2009) em *As Três Ecologias e as cosmopercepções dos povos indígenas nos diferentes modos de vida do Bem Viver em toda Abya Ayala* é despertar a consciência para a cartografia de um novo mundo que não se prenda ao decalque da realidade distorcida, mas que crie rizomas que se (inter)conectem a consciência humana ao inconsciente coletivo planetário. Esta é uma visão para além do antropocentrismo, ou seja, é construir e constituir-se numa relação política-ética-estética com a natureza, considerando a transversalidade das dimensões ecológicas do meio ambiente, das relações sociais e da intersubjetividade humana (Guattari, 2009).

A ecosofia é uma visão háptica de mundo que dialoga com uma ecologia profunda. Não segue a lógica desenvolvimentista do Capitalismo Mundial Integrado (CMI) propondo uma nova globalização que considere a tríade das ecologias ambiental, social e mental. Sendo que *a ecosofia social consiste no desenvolvimento de práticas específicas que tendam a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho etc* (Guattari, 2009, p. 15). Já a *Ecosofia mental consiste em reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o fantasma, com o tempo que passa, com os ‘mistérios’ da vida e da morte, buscando antídotos para o conformismo das modas, se aproximando mais de uma maneira de operar artisticamente do que pelo assombro de um ideal caduco de cientificidade* (Guattari, 2009, p.16). Por fim, *a ecologia ambiental tem por finalidade descentrar radicalmente as lutas sociais e as maneiras de assumir a própria psique* (Guattari, 2009 p. 36). As três ecologias formam a pedra angular da ecosofia proposta por Guattari.

Por outro lado, o Bem Viver surge na América Latina integrando saberes ancestrais e cosmovisões hodiernas dos povos originários de *Abya Yala*, propondo uma ruptura de modelo de mundo fragmentário (Acosta, 2016). Assim, a holística destas propostas nos convidam a criar ideias que revolucionam a lógica atual do mundo e estabelece novos caminhos à crise ética e humanitária pela qual o planeta passa (Vieira; Tristão, 2021).

Tanto Guattari (2009) quanto Acosta (2016) nos alertam para uma possível destruição do planeta. A humanidade criou sua sub-humanidade como escória do projeto desenvolvimentista do capitalismo. A vida passou a ser utilitária, voltada para o consumo do próprio mundo. O adoecimento do planeta encontrou no isolamento humano possibilidades de recuperação ambiental. Como nos orienta Krenak (2019) precisamos criar novas oportunidades de contar novas histórias e assim adiar o fim do mundo.

A ecologia generalizada “Oikos” é um termo usado por Edgar Morin, na primeira parte da obra “O método II” (2011), a qual, segundo Guattari (2009), foi prefigurada pela ecologia ambiental. Argumenta Morin que a ecologia rompe com o paradigma clássico da ciência que insiste em isolar o objeto, enfatizando, assim, os operadores da complexidade (dialógico, recursivo ou recorrente e hologramático) como formas de evitar o estático através do processo de ordem-desordem-organização. Destarte, Morin fala de uma ecologia da ação, ecologia das ideias e ecologia das obras.

Sobre a origem do Bem Viver, Krenak (2020, p. 6), explica:

O *Sumak Kawsai* é uma expressão que nomeia um modo de estar na Terra, um modo de estar no mundo. Esse modo de estar na Terra tem a ver com a cosmovisão constituída pela vida das pessoas e de todos os outros seres que compartilham o ar com a gente, que bebem água com a gente e que pisam nessa terra junto com a gente. Esses seres todos, essa constelação de seres, é que constituem uma cosmovisão.

Da mesma forma que quando traduziram uma expressão dos parentes Quechua e Aymara para o espanhol e depois para o português (o *Sumak Kawsai* que se transforma em *Buen Vivir* e depois em Bem Viver), a educação e a saúde que são propostas ocidentais que traduziram seus conceitos no caminho inverso propagando uma espécie de estado de bem-estar. Funcionam como índices de desenvolvimento humano, política econômica do estado, enquanto que o Bem Viver são aprendizagens para termos um equilíbrio com o que podemos obter da natureza, da vida e o que nós também temos a oferecer de volta (Krenak, 2020).

3 MÉTODOS

O mundo moderno das revoluções científicas evoluiu ao seu passado, permitindo a revolução futura, mas, apenas faz isso ao executá-la. Escondida em lágrimas de seu passado, grita a voz dos excluídos pedindo ao mundo seu trabalhador. Não podemos voltar ao mesmo projeto, pois este húmus há de reflorescer no devir. Costurado o corpo humano se choca com si mesmo. Rasgar-se é como olhar para dentro, e desde então, que colonizamos nossa dor no trabalho, sentimos o corpo nu vestir sua vergonha.

3.1 Desenho de estudo

Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa-ação, podendo esta ser compreendida, segundo Thiollent (2011, p. 20), como:

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Mais adiante em seu livro “Metodologia da Pesquisa-Ação”, o autor supracitado aponta três aspectos que devem ser considerados neste tipo de pesquisa, são elas: resolução de problemas, tomada de consciência e produção de conhecimento. Destarte, garante-se a cientificidade metodológica e técnica que oferece maior flexibilidade na concepção e aplicação dos meios investigativos concretos da pesquisa social aplicada. Compreendendo, portanto, que a ação deve ser imanente ao conhecimento, construindo uma educação dialógica e emancipadora. Para Thiollent (2011) “a pesquisa-ação não deixa de ser uma forma de experimentação em situação real, na qual os pesquisadores intervêm conscientemente”. (Thiollent, 2011, p. 21).

Assim, a questão valorativa é orientada à geração de ações educativas em saúde de um grupo social específico que neste trabalho foram as pessoas que frequentam um terreiro de Jurema, na cidade de Carpina, zona da Mata Norte de Pernambuco. O pesquisador tem explícita interação com os participantes da pesquisa, pois é liderança religiosa do terreiro mencionado, sendo o responsável por levar propostas de oficinas criativas e expressivas que estimulem a cooperação dos demais membros. Não há neutralidade dos pesquisadores.

Nesse caso, não se trata apenas de resolver um problema imediato e sim desenvolver a consciência da coletividade nos planos político ou cultural a respeito dos problemas importantes que enfrenta, mesmo quando não se vêem soluções a curto prazo (Thiollent, 2011, p. 24-25).

Isto posto, compreende-se os terreiros de Jurema Sagrada como espaços de resistência e retomada sócio-cultural dos povos originários. Este trabalho se desenvolveu conjuntamente com os participantes na busca de produções que expressem o Bem Viver e a Ecosofia em ações salutaras e, mesmo, terapêuticas. Ao mesmo tempo, o pesquisador se colocou numa postura ativa de participação, imprimindo sua própria cartografia nas produções feitas durante as oficinas. A pesquisa-ação não se limita a aspectos acadêmicos e burocráticos, isto é, “o pesquisador pretende desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados” (Thiollent, 2011, p. 22).

Para isso, se considera nesta pesquisa que, “Seja como for, a atitude dos pesquisadores é sempre uma atitude de ‘escuta’ e de elucidação dos vários aspectos da situação, sem imposição unilateral de suas concepções próprias” (Thiollent, 2011, p. 24). Por exemplo, no caso do Terreiro, se trata de transformar este espaço num lugar promotor da Educação Popular em Saúde, empregando práticas ecosófica de Bem Viver. Ou seja, há uma implicação dos grupos e pessoas envolvidos nos problemas observados gerando uma ação educacional de caráter social (Thiollent, 2011). Logo, compreende-se o terreiro de Jurema Sagrada, como potencialidade criadora de educação popular e produtora de uma saúde integrada.

É importante lembrar que não há unanimidade científica no que se refere a pesquisa-ação. Toda pesquisa-ação é do tipo participativo, porém nem toda pesquisa participante é uma pesquisa-ação (Thiollent, 2011). A base da pesquisa participante está na observação participante, possibilitando a comunicação das pessoas na situação investigada. Neste tipo de pesquisa é possível estudar dinamicamente, os problemas, decisões, ações, negociações, conflitos e tomadas de consciência que ocorrem entre os agentes durante o processo de transformação da situação (Thiollent, 2011).

A pesquisa-ação se torna uma alternativa a pesquisa tradicional ao propor diretrizes transformadoras aos problemas que vivem os sujeitos da pesquisa. Assim, as oficinas propostas inauguram uma escola livre de educação popular em saúde num terreiro de Jurema, na qual os participantes não são meros informantes ao nível da pesquisa, nem meros executores, ao nível da ação.

3.2 População do estudo

A população de estudo se refere às pessoas visitantes e frequentes num terreiro de Jurema, sediada no bairro de Senzala na Cidade de Carpina-PE. Foram convidados a participar da pesquisa frequentadores das *praias* (reuniões) de Jurema Sagrada.

Os critérios e procedimentos para a seleção dos participantes tiveram como base a seleção dos frequentadores com interesse em participar das oficinas. Para isso, foi levado em consideração a presença das pessoas participantes dos encontros religiosos. Pois, algumas delas permanecem após as *praias*. Muitos são de outras cidades, como Recife, Olinda, Paulista e Vitória de Santo Antão. Geralmente no dia seguinte as praias o grupo se reúne para estudar e realizar atividades complementares. Por isso, este momento foi mais propício à realização das oficinas de EPS.

Como critério de inclusão utilizou-se como baliza a escolha de um terreiro que estivesse aberto a dialogar sobre a transversalidade do Bem Viver e a Ecosofia. Além de considerar os frequentadores de terreiro de Jurema que estivessem dispostos a participar. Já os critérios de exclusão se orientaram por pessoas que pudessem estar no espaço do terreiro, mas que não participassem do ritual religioso, bem como a desistência de algum dos participantes. Essa escolha visou a percepção inconsciente dos trabalhos ritualísticos como despertadores da consciência durante as produções das oficinas.

Este é um trabalho que apresenta baixos riscos para os participantes. Eles (participantes) podem apresentar desconforto socioemocionais na ação de cartografar seus desejos, pois são convidados a se retirarem das zonas de conforto em alguns momentos da pesquisa.

Participaram um total de 11 pessoas da pesquisa. Além de mim, teve Yafê a madrinha do terreiro que fez grande parte dos registros audiovisuais. As demais pessoas estão identificadas com nomes fantasia. Fumaça é uma médium que entre suas entidades recebe uma que se chama Maria Fumaça. Já Juliana é uma médium que se sente ligada a esta entidade que tem sua presença muito forte nos tambores de Mina. Ritinha é uma mestra bastante conhecida nos catimbós do Recife e região. Navalha é a Mestra desta afilhada do terreiro. Curupiro é o batedor durante os rituais de Jurema. Pombagira é uma visitante que incorpora esta entidade e também é afilhada de um terreiro de candomblé. Peixes é o signo dessa participante que deixou três filhas com o marido para participar desta pesquisa. Cigana teve sua primeira experiência neste terreiro e é conhecida também por jogar cartas.

Taquaritinga é um nome que remete aos indígenas expulsos da mata norte e que identifica esta cabocla participante da pesquisa.

Importante frisar que todas as pessoas participantes são dissidentes de gênero e sexualidade. Alguns ainda se denominam como Kajuruna, formando um coletivo para além do terreiro. Destaca-se a presença de pessoas trans, travestis e não-binárias. A maioria dos participantes são indígenas em retomada, com exceção da participante Ritinha que é de origem judia. Todos os participantes são maiores de dezoito anos, com faixa etária entre 20 e 35 anos de idade.

Pode-se levar em consideração os diferentes contextos dos participantes da pesquisa. São pesquisadores de gastronomia, enfermagem, ciências sociais, pedagogia, psicologia, agroecologia, medicina veterinária, além da geografia. As mesmas pessoas participaram das duas oficinas.

A participação foi de caráter voluntário podendo os participantes em caso de algum tipo de desconforto se recusar a continuar a pesquisa. O pesquisador se coloca disponível para prestar informações da pesquisa aos participantes pelo tempo que for necessário. Não há custo para nenhum participante, sendo o pesquisador o principal responsável pelo financiamento da pesquisa.

3.3 Definição e operacionalização das variáveis

As variáveis foram definidas e operacionalizadas através da cartografia proposta por Guattari e Rolnik (2006) como forma micropolítica do pensamento ecosófico para o Bem Viver. Ou seja, não se trata de uma cartografia convencional voltada para o decalque, mas sim de uma produção rizomática de linhas de fuga, desterritorializadas e decolonizadas, formando amálgamas de desejos coletivos.

As práticas para o Bem Viver são ideias para adiar o fim do mundo, são cartografias expressivas do inconsciente coletivo e do devir político-ético-estético. A geografia da saúde aplicada neste terreiro atua desta forma num projeto cartográfico inventivo e vivo, não fechado em si mesmo, mas aberto a novas conexões e multiplicidades cartográficas. Para isso, os trabalhos de Passos, Kastrup e Escóssia (2009) nos oferecem pistas de utilização do método da cartografia, compreendendo que cartografar é traçar um plano comum (Passos; Kastrup; Tedesco, 2014).

Considerando os trabalhos de Paulo Freire, como “as 40 horas de angico, voltados à educação popular, este trabalho se guiará pelo respeito às especificidades da comunidade

pesquisada, entendendo-a como sujeito autônomo, capaz de contribuir ativamente para a construção do conhecimento. Destaca a sua influência nas bases pedagógicas de movimentos sociais, como o Movimento Sem Terra (MST) e nos programas políticos de movimentos estudantis e de trabalhadores como as Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde (VER-SUS).

3.4 Coleta de dados

A coleta de dados foi feita a partir das produções expressas nas oficinas. Para isto, foram utilizados recursos hápticos e audiovisuais, como câmeras de telefones. As imagens registradas são tanto das trocas feitas pelos participantes da pesquisa como das produções construídas durante o processo. Outros instrumentos que são usados se referem aos recursos audiovisuais para registro de imagem e sons, como gravadores de voz, câmera fotográfica e câmera de vídeo. Além de anotações e observações feitas pelo pesquisador.

OFICINAS:

Pensar em como inserir momentos fotográficos, não da imagem pela imagem, mas como preparação de um retrato. A ideia é que possamos usar nossas tecnologias e compartilhá-las. Assim, vamos compreender a fotografia como uma tecnologia audiovisual de cultura. A cultura que é viva e se transforma, em simbiose àquilo que liga a ancestralidade e a futuridade do presente humano. O nome do Ser Humano é Homo Sapiens Sapiens. Ser Homo é uma “ideia xeque” no Ser Humans politicamente projetado na heteroidentificação científica. A evolução racial persiste em boicotar a revolução real envolvendo a mente em sulcos cerebrais revoltados com a morte. O que amortece se transforma em amor. Adormecido o amor acorda a morte. A poesia científica é prosa política. Pôr no lugar da simbolização cacofônica o sentido inverso do que é dito em outras palavras. Alguns cientistas escrevem, outros digitam. O que será de nossa história quando os HDs não nos suportarem mais, chegando aos confins de seus limites e periodicamente nos dizimando em seleções matemáticas?

Para este trabalho foram propostas duas oficinas cartográficas. A ideia aqui não é ser uma receita, mas um registro arqueológico do saber. Assim o exoesqueleto que formam as oficinas devem ser tragos a própria realidade daqueles desejanter de realizá-las. As oficinas não se findam nas propostas deste trabalho, podendo abordar as mesmas temáticas ou outras

que possam emergir do próprio grupo. Os objetivos podem ser construídos juntos ou podem ser propostos pelo mediador. Neste trabalho, as oficinas foram montadas e propostas pelo autor.

O objetivo das oficinas nesta pesquisa foi atuar como coleta de dados. Mas, como objetivo do autor foi apresentar formas metodológicas de ensino-aprendizagem nativa. Assim, o nativo faz referência às pedagogias ancestrais dos povos originários. Qualquer resquício de uma educação catequizadora aqui é combatido. Então, aqui não se pretende a boa educação burguesa mas a educação popular político-ética-estética e coletiva. Aqui temos uma abordagem micropolítica de geografia da saúde.

As oficinas são pensadas em seis momentos ao qual chamamos trilhas cartográficas. Cada oficina possui objetivos (geral e específico), com duração média de três horas. Também são descritos os materiais necessários e as referências utilizadas para cada oficina.

1. Encontro: **Bem Viver: a Educação Popular em Saúde**

Objetivo Geral:

Apresentar o Bem Viver como proposta ecosófica de Educação Popular em Saúde

Objetivo específico:

Estimular reflexões sobre Bem Viver;

Compartilhar vivências ecosóficas do Bem Viver;

Promover a educação popular em saúde num terreiro de Jurema

Duração da Oficina: 3 horas

Procedimentos:

Trilha 01 - Acolhimento “Chegança” (5min):

Neste momento as pessoas são convidadas a participar da oficina. Todos podem caminhar na sala e buscar lugares mais confortáveis para que possam se acomodar. A postura do mediador da oficina é de suma importância para que se crie uma primeira impressão de acolhimento e diálogo, deixando os membros à vontade para participar de forma livre e espontânea.

Trilha 02 - Aquecimento “Falas da Terra do Bem Viver” (20 min):

Os participantes são convidados a caminhar pela sala ocupando os espaços vazios. São colocadas no ambiente quatro caixas que representam elementos da natureza (Água, Terra, Fogo e Ar). Pedem-se para que os pesquisadores-participantes distribuam-se

igualmente nas caixas. Cada grupo abre a caixa e lê algumas falas sobre Bem Viver. Cada fala traz em sua outra face a palavra Bem Viver com pontuações discursivas, interrogação (?), exclamação (!), ponto final (.) e reticências (...), que orientam o diálogo inicial para a produção a seguir.

Trilha 03 - Produção “Ideias ao Bem Viver” (1h30min):

As temáticas sugeridas são: O bem viver. Há bem viver? A bem viver! Bem Viver... A ideia é que os membros pensem acerca da pontuação que dá sentido ao tema. Ao mesmo tempo que acionam elementos que podem precedê-los. Assim, são convidados a pontuar quais elementos básicos são necessários ao Bem Viver. Durante o diálogo dos grupos, o mediador propõe reflexões a partir de indagações: Vocês sabem o que é Bem Viver? Quem nesta sala bem vive? Vocês bem vivem em casa ? O Bem Viver pode ser conjugado no Eu Bem Vivo? Como escrever por cima do apagamento histórico? Como pagar a dívida e Bem Viver? O que se responder a dúvida sobre o final deste projeto? Bem viver e viver bem são a mesma coisa?

Um grupo pensa em definições acerca do Bem Viver, propondo conceitos construídos coletivamente, além de pensarem em fundamentos que abordem a temática proposta (Grupo 1 - O Bem Viver.). Já o segundo grupo é convidado a questionar o próprio Bem Viver. Para isso pensam em exemplos de formas concretas de Bem Viver, elencando pontos que achem necessário à compreensão de sua existência (Grupo 2 - Há Bem Viver?) Enquanto o terceiro grupo “A Bem Viver!” pensa em pontos que exclamam o cotidiano do Bem Viver. Para isso definem diretrizes ou princípios ao Bem Viver (Grupo 3 - A Bem Viver!). Já o quarto grupo é convidado a pensar a partir das reticências um novo nome que defina o Bem Viver. Para isso propõem objetivos que pontuem as multiplicidades sobre Bem Viver (Grupo 4 - Bem Viver...). É importante o mediador lembrá-los que eles devem pensar de forma coletiva, pensando nos membros de cada grupo, na relação com os demais grupos formados e na interação com as variáveis fora das paredes da sala.

Trilha 04 - Compartilhamento “cartografias do desejo” (45min):

Cada grupo faz a leitura das pontuações feitas sobre quais perspectivas que pensavam acerca do Bem Viver. Os outros grupos são convidados a opinar sobre os pontos apresentados. Cada apresentação fica disposta no espaço cultural do terreiro e é registrada fotograficamente. Todos validam as ideias apresentadas, abrindo-se ao diálogo das ideias e ações das palavras.

Trilha 05 - Avaliação “o que senti” (15min):

Os participantes são convidados a pensarem e escreverem uma palavra ou frase um sentimento que tenha sido despertado durante a oficina.

Trilha 06 - Fechamento “adeus, adeus meu povo eu vou embora” (5min):

Todos comungam do espaço trocando afetos. Algumas falas finais são pronunciadas. Agradecemos a Natureza da criação e a Cultura da formação. Informo o fim como finalidade de uma próxima oficina

Materiais necessários:

Folha de papel, cartolina ou folhas grandes de cartaz, canetas coloridas, tesoura, cola, fita adesiva, máquina fotográfica, gravador de voz.

Referências:

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. 1. ed. São Paulo, Editora Elefante, 2016. 264 p.

ROLNIK, Suely; GUATTARI, Félix. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis, RJ, 2006. 328 p.

2. Encontro: **Tratados à Ecosofia: acordo Bem viver****Objetivo Geral:**

Pensar o Bem Viver como uma Ecosofia prática na Educação Popular em saúde

Objetivo específico:

Cartografar a Ecosofia como proposta de Educação Popular em Saúde;

Compartilhar vivências ecosóficas de Bem viver;

Duração: 3 horas

Procedimentos:**Trilha 01 - Acolhimento “chegança” (5min):**

Os participantes são convidados a participar da oficina. Aguarda-se que todos se acomodem no espaço confortavelmente. Brevemente a oficina é apresentada. A postura do mediador da oficina é de suma importância para que se crie uma primeira impressão de acolhimento e diálogo, deixando os membros à vontade para participar de forma livre e espontânea.

Trilha 02 - Aquecimento: “Seguindo o movimento” (20min): Uma linha divisória no chão da sala faz a demarcação de dois espaços de tamanhos desiguais. O mediador, a princípio, ocupa o lado menor e propõe um movimento que pode ser seguido pelos

demais. Contudo, as pessoas no lado maior devem entrar em consenso para saber se seguem o movimento proposto ou não. Caso não concordem, a pessoa que estiver no lado menor tem que lançar uma nova proposta até que seja aceita e seguido por todos.

Trilha 03 - Produção “o desafio das três ecologias” (1h): A missão é cartografar mapas livremente. Os participantes são convidados a imaginar uma cosmovisão epistêmica do mundo. Para isso são divididos em três grupos. Cada grupo fica responsável por uma das três ecologias: a da intersubjetividade humana (Grupo 1 - ecologia mental); das relações sociais (Grupo 2 - ecologia social), e; a do meio ambiente (Grupo 3 - ecologia ambiental). A ideia é que os participantes façam um trabalho de desconstrução de representações previamente estabelecidas socialmente. Assim, o grupo de ecologia mental, tem como desafio construir um corpo humano sem órgãos, imaginando como este pode ser constituído. Para isso utilizam argila e água para a criação, a proposta é que utilizem materiais da terra. O grupo da ecologia social tem como desafio arquitetar os vãos em cômodos de uma casa. Para isso criam uma espécie de maquete utilizando madeira e seus derivados como materiais (folhas, papéis, papelão, galhos, cola). A casa em questão é compreendida como o próprio corpo, a casa física, bem como a comunidade planetária. Já o grupo da ecologia ambiental tem como desafio cartografar uma nova planificação mundial de acordo com a dinâmica da Terra. Para isso utilizam um tecido branco, tintas, pinceis e esponjas.

Trilha 04: Compartilhamento “cartografias do desejo” (45min): Cada grupo apresenta o processo de construção de suas cartografias. Cada pessoa é convidada a complementar nos mapas desejos acordados que considerem salutares e que possam ter sido despertados durante a oficina. O mediador propõe questionamentos que sejam pertinentes.

Trilha 05: Avaliação “o que eu senti” (10min): Cada participante é convidado a escrever uma palavra ou frase que simbolize sentimentos despertados durante a oficina.

Trilha 06: Fechamento “adeus, adeus meu povo eu vou embora” (5min): Os participantes são convidados a ficar de pé, formando um círculo. Todos comungam do espaço trocando afetos. Algumas falas finais são pronunciadas. Agradecemos a

Natureza da criação e a Cultura da formação. Informo o fim como finalidade de uma próxima oficina.

Materiais necessários: corda, giz, recortes de revistas e jornais; isopor; cola; tesoura; caneta colorida; argila; galhos e folhas de árvores; papelão; tecido branco; tintas; máquina fotográfica e gravador; caixa de som com bluetooth; papel cartão.

Referências:

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. 20ª ed. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 2009. 56 p.

3.5 Processamento e análise dos dados

3.5.1 Processamento dos dados

Os dados coletados estão organizados por meio das oficinas. Os participantes estão identificados por nomes fictícios para garantir o sigilo das informações. As imagens dos participantes aparecem na pesquisa com os rostos modificados por inteligência artificial a partir do aplicativo Adobe Express. Foi acordado com os participantes em ação que durante as oficinas fotos e vídeos podem ser gravados para registro memorial das oficinas. As imagens formam o corpo do texto da pesquisa e imprimem não apenas rostos, mas a alteridade entre nós, pesquisadores-participantes da pesquisa e as produções criadas a partir das experiências vividas nas oficinas. Em conjunto com as imagens, as falas dos participantes são transcritas integralmente para que a voz daqueles que contribuíram com a pesquisa soem também aos leitores, e que assim possam ter uma pequena dimensão de como foi o momento de compartilhamento e construção das oficinas.

3.5.2 Análise dos dados

A análise de dados leva em consideração a esquizoanálise proposta por Deleuze e Guattari, acompanhando os processos e fluxos dos agenciamentos de desejos emergentes durante a pesquisa. O discurso foi categorizado de acordo com as variáveis definidas neste trabalho, porém há de se considerar o caráter aberto de conexões que se ramificam em múltiplas direções rizomáticas. Desta forma, a análise de dados é disruptiva e instaura outra relação com a vida que não se fecha em sua forma, mas que produz novas linhas de fuga de saberes nômades e intersubjetividades.

A esquizoanálise nos convida para uma responsabilidade ética na qual se produz agenciamentos do desejo, questionando tudo o que nos constitui enquanto máquinas e sujeitos capturados e escravizados sob o controle do capitalismo. Ou seja, o desejo é controlado por nosso modo de desejar, o que nos faz agir em cumplicidade com o capitalismo. Destarte, ela critica as forças dominantes de poder, não se reduzindo a ser um modelo reformista, mas sim um modelo revolucionário e transformador através, principalmente, da micropolítica do poder.

A esquizoanálise opera através do pensamento nômade. É um modo de vida que cria potencialidades imanentes do devir. Ou seja, é um convite de reconexão com o próprio desejo, da vida real, que estamos alienados pelo modo de vida atual da organização social na qual vivemos. Para isso, buscamos produzir memórias através da própria experiência, ou seja, das vivências do mundo no espaço-tempo.

Para isso, Passos, Kastrup e Tedesco (2014) nos oferecem pistas sobre o método da cartografia. A cartografia equivale a própria vivência do mundo e da vida, investigando processos de produção de subjetividade e tendo como norte orientador a transversalidade desapegada da realidade concreta. Compreende-se que toda pesquisa é uma intervenção e que não podemos separar o fazer do conhecer, ou seja, é o traçado do plano da própria experiência.

A cartografia é um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linha gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção. De saída, a ideia de desenvolver o método cartográfico para utilização em pesquisas de campo no estudo da subjetividade se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas para serem aplicadas (Passos, Kastrup e Tedesco, 2014, p. 32).

Assim, o pesquisador é um cartógrafo que mergulha no plano da experiência, não se pretende a neutralidade (Passos, Kastrup e Tedesco, 2014) nem concepções pré-definidas. Isto faz este trabalho ser vivo, ser modulado conforme seu próprio movimento durante o desenvolver da pesquisa.

4 TRILHAS CARTOGRÁFICAS

Pesquisar é um ato disruptivo com o conhecimento imposto. Desconhecer é como mergulhar num infinito de curiosidades de invenções humanizadoras, humanizantes e humanizadas. Assim, todas as partes deste trabalho se interconectam entre os seus pesquisadores. Para isto, reconhece a importância e bom senso de cada participante na compreensão das cosmovisões e cosmopercepções na educação popular em saúde, ou seja, na vivência ecosófica do Bem Viver.

A importância do planejamento das oficinas se mostrou crucial como guia orientador deste trabalho. Contudo, no desenvolvimento do processo e na vivência das oficinas, emergiram novas problemáticas que não estavam contempladas na proposta inicial. O que mostrou a importância da flexibilidade deste trabalho em atender as demandas levantadas pelos participantes da pesquisa. Compreendemos desta forma, não só os sujeitos humanos como agentes da pesquisa, mas também os seres bióticos e abióticos. O diálogo expresso da relação entre esses seres é o resultado deste trabalho.

Para localizar mais o leitor neste momento da pesquisa, tenha-se em mente que este trabalho é uma pesquisa esquizoanalítica. Seguindo os passos da cartografia do desejo estimulantes do Bem Viver. Assim, os resultados desta monografia constituem-se de elementos referenciais de falas transcritas, de corpo território, de política-ética-estética da geografia do Bem Viver, de Geografias da Saúde aplicada na promoção de saúde, em recortes teóricos que apresentam conceitos trabalhados nas oficinas.

Cada trilha seguiu os princípios da PNEPS-SUS. No acolhimento há o encontro de intersubjetividade, na qual todos constroem conhecimentos históricos e culturais de forma respeitosa e dialógica. Dialógica disso? O aquecimento nos leva para a segunda trilha através da amorosidade na qual há uma ampliação do diálogo pela incorporação das trocas emocionais e da sensibilidade, indo além de diálogos baseados apenas em conhecimentos e argumentações logicamente organizadas. Já a problematização pode ser percebida na terceira trilha ao propor a construção de práticas em saúde alicerçadas na leitura e na análise crítica da realidade. A quarta trilha é a construção compartilhada do conhecimento, que envolve processos comunicacionais e pedagógicos entre os participantes-pesquisadores na busca de compreender e transformar de modo coletivo as ações de saúde como vivência de Bem Viver. A avaliação é um processo coletivo e compartilhado. Presente na quinta

trilha está o sentimento de superação e libertação de todas as formas de opressão. Por fim, temos o fechamento responsável pelo compromisso com a construção do projeto democrático e popular da sociedade na qual se renova o compromisso com os princípios do SUS.

Todos os princípios da PNEPS-SUS foram observados na realização das oficinas. Este compartilhamento de trilhas cartográficas nos apresenta novas formas de ensino-aprendizagem, como os resultados deste trabalho. Assim, não se trata de seguir passos interpretativos da coleta de dados. Os dados coletados são dados investigativos no qual se investe tempo e afetos. Leiam os comentários com cautela, este trabalho não se pretende a objetificação mas sua materialidade é uma desterritorialização das regras convencionais de pesquisa. Importante lembrar que o cuidado bioético esteve presente, mesmo este trabalho não tendo passado por um comitê de ética, tem sua validade científica reconhecida com profissionais da área.

Para facilitar a análise, esta seção está dividida em trilhas correspondente a cada etapa das oficinas: trilha 1 - acolhimento; trilha 2 - aquecimento; trilha 3 - produção; trilha 4 - compartilhamento; trilha 5 - avaliação; trilha 6 - fechamento. Em cada tópico são descritas as observações feitas a partir do que foi proposto enquanto oficina. O autor acrescenta à sua visão as percepções dos demais pesquisadores.

4.1 Trilha 1 - Acolhimento

Este foi o momento de chamada. Os participantes da pesquisa fizeram sua *praia* (reunião) de Jurema no dia anterior, então já estavam presentes no terreiro antes do início da oficina. Todos foram se reunindo na frente da Jurema Sagrada enquanto o mediador dava as boas-vindas. Já na segunda oficina, a dinâmica ocorreu de forma semelhante, contudo os participantes em sua maioria já estavam no lugar da oficina. Foi um momento breve, mas muito importante para que os participantes se sentissem bem recepcionados e estimulados a participar da pesquisa.

Na figura 1 podemos ver os materiais utilizados na primeira oficina. Ficaram dispostos num canto da sala. Só quando todos se acomodaram é que os materiais foram

distribuídos, conforme cada trilha da oficina. Já na figura 2 estão reunidos os materiais da segunda oficina.

Figura 1 - materiais utilizados na primeira oficina



Foto: Nàvidá Silva, Jan. 2025.

Figura 2 - materiais utilizados na segunda oficina



Foto: Nàvidá Silva, Jan. 2025.

Percebeu-se o entusiasmo dos participantes já neste momento, pois eles ficaram confabulando o que seria a proposta da oficina, bem como com quais materiais gostariam de cartografar.

4.2 Trilha 2 - Aquecimento

Este foi o momento de elevar a energia dos participantes para a proposta principal da oficina. A ideia é quebrar o gelo e criar um ambiente colaborativo e acolhedor para as trilhas seguinte. Na primeira oficina (figura 3) foram convidados a lerem algumas citações sobre o Bem Viver.

Figura 3 - Aquecimento da primeira oficina: leitura de trechos acerca do Bem Viver



Foto: Yafê Di Napoli, jan. 2025. Local: Terreiro de Jurema Xotwkaxe, Carpina-PE.

Assim, formou-se três duplas e um trio. Cada pessoa ficou livre para expressar seus sentimentos e pensamentos despertados a partir das leituras. As falas complementaram-se com as vozes dos pesquisadores.

Na segunda oficina (figura 4) a dinâmica foi de seguir o movimento. O mediador traçou uma linha branca no chão e dividiu o espaço em dois territórios. De um lado ficou sozinho iniciando uma movimentação com o corpo que os demais membros dialogaram para entrar em consenso se iam ou não seguir o movimento proposto.

Figura 4 - Aquecimento da segunda oficina: qual movimento devo seguir?



Foto: Yafê Di Napoli, Jan. 2025. Local:Terreiro de Jurema Xotwkaxe, Carpina-PE.

Depois de algumas tentativas de movimento, o mediador conseguiu trocar de lugar com outro participante. Algumas pessoas faziam movimentos mais complexos que exigiam mais flexibilidade e alongamento do corpo, outras fizeram movimentos de entidades como Pombagira e Mestras. Também foram propostos movimentos de danças, gestuais e auditivas.

4.3 Trilha 3 - Produção

Este foi o momento em que os grupos distribuíram-se para a produção cartográfica. Durante a primeira oficina (figura 5) cada grupo tomou certa distância para poderem ficar mais à vontade para dialogarem sobre Bem Viver.

Figura 5 - produção cartográfica do Bem Viver à Ecosofia.



Foto: Yafê Di Napoli, Jan. 2025. Local:Terreiro de Jurema Xotwkaxe, Carpina-PE.

Já na segunda oficina (figura 6) apenas um grupo estava mais afastado, contudo a presença da chuva fez com que todos se agrupassem novamente no espaço em frente a Jurema Sagrada. O tempo proposto para oficina se mostrou ineficiente tendo que ser acrescentado cerca de mais uma hora para cada oficina. Um dos pesquisadores comentou que a proposta do trabalho não poderia seguir a lógica do tempo colonial,

pois precisava atender as necessidades despertadas durante o processo de criação cartográfica.

Figura 6 - Produção cartográfica da Ecosofia de Bem Viver



Foto: Yafê Di Napoli, Jan. 2025. Local: Terreiro de Jurema Xotwkaxe, Carpina-PE.

Assim, foi respeitado o tempo de todxs nas suas elaborações e elucubrações de suas trilhas cartográficas. Este momento teve como trilha sonora músicas escolhidas pelos participantes.

4.4 Trilha 4 - Compartilhamento

Aqui subdividimos dois subtópicos para facilitar as ilustrações registradas em cada oficina. Sendo o primeiro referente a oficina intitulada “O Bem Viver: a educação popular em saúde”, enquanto que o segundo se refere a oficina intitulada ‘Tratados à

Ecosofia: acordo Bem Viver”. Na primeira oficina as citações são referentes as leituras feitas durante o aquecimento. Enquanto que na segunda oficina optou-se por acrescentar as citações que falam sobre as três ecologias para ilustrar o diálogo com as falas dos participantes. Também são tecidos alguns comentários pelo pesquisador como complemento às trajetórias narrativas.

4.4.1 Bem Viver: a Educação Popular em Saúde

O Bem Viver.

“O *Sumak Kawsay*, em uma tradução literal, seria a vida em plenitude, a excelência, o melhor, o bonito. Mas, interpretado em termos políticos, trata-se da própria vida, uma mistura de ações e vontades políticas que significam mudanças para que não falte às pessoas o pão de cada dia, para que não existam essas desigualdades sociais de homens e mulheres. O *Sumak Kawsay* é o sonho, não apenas para os indígenas, mas também para todos os humanos.”

Blanca Chancoso

O texto da gente, ele trouxe duas definições: seria a tradução literal e a tradução política. A tradução literal ele fala sobre a vida plena, tudo perfeito, eu eu tenho tudo o que tenho tudo o que eu quero, eu tenho tudo o que eu preciso, minha vida é maravilhosa. E a tradução política ela traz que pra gente chegar nesse Bem Viver tudo depende da junção de ações políticas onde a gente tem as vontades e as ações. E a gente entende na atualidade que pra ter uma vida plena, a gente vive, eles coexistem. A gente colocou aqui (figura 7) um yinyang porque eles coexistem, mas sempre que a gente tenta chegar nessa vida plena estando nas ações políticas é sempre uma volta inteira. A gente nunca consegue chegar nessa vida plena por causa dessas políticas atuais. Porque antigamente os povos originários, eles viviam plenamente. A gente vivia plenamente aqui, no nosso espaço, nosso território, dentro das ações políticas e funcionava super bem, mas as ações políticas do colonizador não casaram tão bem. E aí a gente traz as vontades que seria a preservação da natureza pra esse Bem Viver. Animais livres. A

queda do capitalismo. Ascensão do matriarcado e do anti especismo. A retomada territorial para os povos originários. E a morte dos cristãos. Que eu acho que seria uma perfeição para o nosso Bem Viver. (Fumaça).

Dentro desse contexto, os povos originários já viviam essa plenitude do Bem Viver. Porque não era uma utopia pra eles dentro da organização social que eles tinham. Não era uma utopia. Eles conseguiam viver assim. Em comunhão com a natureza e se entendendo parte dessa natureza também. E aí a gente trouxe ações que a gente podia incrementar num viés político pra fazer com que esse Bem Viver se tornasse uma realidade. A primeira delas é a preservação de biomas que resistiram a revolução (abre aspas) industrial e a urbanização. O reflorestamento e a recuperação de Ecossistema atingidos pelos mesmos. Pela revolução industrial e pela urbanização. O segundo ponto, seria a queda do sistema capitalista e patriarcal que seria primordial pro despertar social da consciência de ser humano-natureza. Porque o sistema capitalista ele não tem espaço pra um desenvolvimento (eco) consciente, afastando as pessoas que trabalham pra esse sistema. Principalmente as pessoas que trabalham em cargos de mão de obra. Afastando essas pessoas dessa consciência. E com a retomada do território dos povos indígenas e originários e a conscientização de identidade étnica dos descendentes desses povos que vivem principalmente em contexto urbano, facilitaria a prática dessa eco consciência. E em terceiro a descentralização do cristianismo como prática religiosa que apesar da gente viver num território laico a maioria. (Eu tô tremendo - incorpore não - caboclo descendo) A população em sua maioria segue e reproduz costumes e conceitos da doutrina cristã. E isso tem afastado os nossos povos. Principalmente os povos que vivem em contexto urbano dos saberes ancestrais fazendo uma manutenção de um estilo de vida que o colonizador pensou pra gente. Não o estilo de vida que os povos originários viviam. (Juliana). Aí como a gente falou do anti especismo e da queda do patriarcado fiz aqui essa bebê (Figura 4.8). Uma perereca. (Fumaça). A pintura étnica que

simboliza o nosso povo. E aqui o planeta Terra. E a grande ave pra trazer o nosso equilíbrio. (Juliana).

Figura 7 - apresentação o Bem Viver



Foto: Yafê Di Napoli, Jan. 2025.

Figura 8 - Cartografia do Bem Viver.

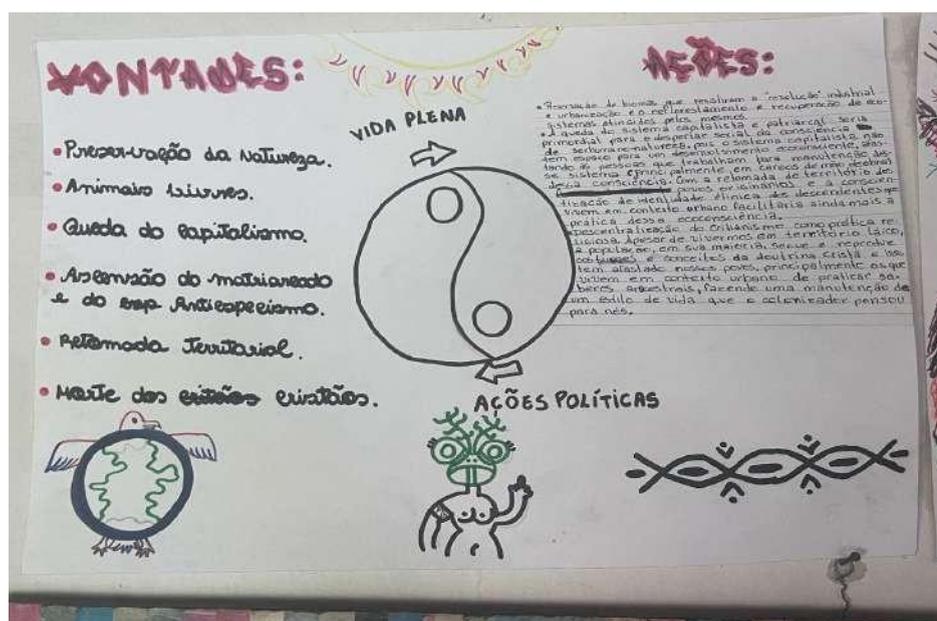


Foto: Yafê Di Napoli, fev. 2025.

A proposta desta oficina foi a de encontrar ideias de definições para o Bem Viver. O artigo definido masculino opera como um indicativo da linguagem expressa em gênero, número e grau. Contudo, a derivação do *Sumak Kawsay* para o Bem Viver brasileiro já nos alerta sobre os problemas da tradução. A proposição de conceitos e definições para o Bem Viver é feita na análise da realidade social na qual se vive e na construção do imaginário coletivo, dos desejos maquínicos da mente. A mecosfera opera concomitantemente a noosfera e a biosfera. O ponto final é o objetivo formado do conteúdo exposto. Magma que se transforma em rocha. Conceito nível diamante. O Bem Viver é o Bem Viver da Terra! É a natureza orgânica e inorgânica. O YinYang denota esta crítica ao pensamento maniqueísta de conceitos que só existem em oposição, propondo uma noção integrativa do pensamento.

Como o enunciado traz, o sonho de Bem Viver é a existência de sua plenitude num plano de consistência real. Nas falas percebemos uma distinção entre a tradução literal e a tradução política, mas que só um pensamento que integre essas duas vertentes é que possibilitaria um Bem Viver pleno garantido nos Direitos Políticos. A figura do Yin Yang serve de contraponto ao pensamento maniqueísta ocidental, pois por mais que se fale de concepções distintas, este símbolo serve como elemento de ligação cartográfica.

As falas também nos alertam para o problema da o insustentabilidade do capitalismo. As vontades e ações expressas aparecem como construção de ideias para um conceito de Bem Viver. A cartografia marca a presença da dupla territorializando o espaço de construção do mapa. As trilhas deixadas nos levam a encontrar caminhos para o Bem Viver. Já os desenhos apontam à circularidade através de figuras míticas e simbólicas.

A Bem Viver!

“O Bem Viver [é] uma oportunidade para construir outra sociedade, sustentada em uma convivência cidadã, em diversidade e harmonia com a Natureza, a partir do conhecimento dos diversos povos culturais existentes no país e no mundo.”

José Mária Tortosa

E no textinho que a gente pegou falava sobre a diversidade cultural. Porque é isso né, ciências e ciências né. Não tem como a gente... Sei lá... Uma forma da gente mais saber é dando liberdade às formas diferentes de existir. (Ritinha). E a gente conseguir viver bem com isso. (Coque). E trocar e ser feliz e beber e fumar e dançar e cantar (figura 9) (Ritinha). Festejar, comemorar a nossa vida (Coque). Celebrar (Ritinha). A nossa existência e a de antes dos nossos. (Coque).

Figura 9 - Apresentação a Bem Viver!



Foto: Yafê Di Napoli, Jan. 2025. Local: Terreiro de Jurema Xotwkaxe, Carpina-PE.

Figura 10 - Cartografia a Bem Viver!



Foto: Yafê Di Napoli, fev. 2025.

A Bem Viver! Propõe pensar em pontos que sejam princípios e/ou diretrizes ao Bem Viver. O artigo definido feminino opera como um indicativo da linguagem expressa em gênero, número e grau. A exclamação de Bem Viver é a transdução do pensamento para o sentimento de Bem Viver. É neste momento que se percebe que os instantes conscientes de Bem Viver não se restringem a uma espécie mas configuram um espaço potencial de manutenção da vida. Bem Viver e Bem Morrer são faces de uma mesma existência, atuando na completude da vida. Isto é perceptível na cartografia na qual se resgatou na memória imagens do dia anterior durante a *praia* de Jurema. A mestra da casa deu suas bênçãos de Bem Viver do outro plano para o plano de consistência na qual foi cartografado o desejo de Bem Viver.

A Bem Viver abala o Bem Viver na construção de territórios existenciais que trazem sonhos para a realidade. A imprecisão nas falas denotam o foco maior na apresentação cartográfica a partir da imagem elaborada. O discurso nos leva a uma compreensão do Bem Viver como algo de fato a ser vivido em sua plenitude, isto é, em sua liberdade de existência.

A figura apresenta o ritual de Jurema baseada na *praia* anterior à oficina. Percebe-se a circularidade da imagem, a exuberância de cores e a presença de alguns

elementos que fazem parte do terreiro, como a mesa e as panelas do *ajeum* em cima, os banquinhos, a flecha na parede e a cortina de coco. Percebe-se o movimento da imagem e a empolgação daqueles envolta da figura amarela, que é a Mestra Maria Luziara, enquanto cantam, dançam, fumam, bebem e tocam o seu maracá.

Há Bem Viver?

“O Bem Viver - ou melhor, os bons conviveres - é uma oportunidade para construir um mundo diferente, que não será alcançado apenas em discursos estridentes, incoerentes com a prática. Outro mundo será possível se for pensado e erguido democraticamente, com os pés fincados nos Direitos Humanos e nos Direitos da Natureza.”

Alberto Acosta

Quando a gente é atravessado por várias coisas. Pelo começo, assim, no que se baseia a estrutura da opressão e da falta do Bem Viver. É a democracia que tá fundamentada no neoliberalismo e no genocídio indígena. Isso (figura 11) ser a base da construção do Bem Viver contemporâneo que não atende às nossas necessidades. A democracia (que sustenta) também (Peixe) é fomentada pelo controle das informações (Navalha), representadas pelas grandes bigtechs hoje e das falsas esperanças de ascensão social, representado pelas bets. A autoestima. (Ritinha). A liberdade de expressão, onde não é liberdade de expressão é violência. O Facebook aqui simbolizando esta interferência do imperialismo. Tudo isso aqui simbolizam uma grande interferência do imperialismo na nossa realidade. (Navalha). A gente trouxe a estrutura de pirâmide (figura 12) justamente pra mostrar como é hoje estruturado na nossa sociedade essa farsa democrática que a gente vai conseguir ascender socialmente e vai ter uma boa vida. E justamente, o que a gente trouxe pra opor com bem estar é o lifestyle. Que se vende uma ideia de boa vida, de exercício físico, de academia, de rede social, uma vida de coisas que a gente não acessa, que não é o nosso Bem Viver de fato. É uma mercantilização dessa ideia de bem estar. (Pombagira). É muito

fragmentado esse bem estar. (Peixe). Ele se torna um produto que ele é acessível para alguns. Quando se bota o preço em alguma coisa, você está dizendo quem é que pode acessar aquilo, seja um crime que nem a mulher que matou a onça e pagou uma multa de cinco mil reais. Quem pode matar uma onça? Quem tem dinheiro pra pagar cinco mil reais. (Navalha). Quem pode matar uma criança negra num condomínio? (Pombagira). Né Sari!? (Navalha). E a gente foi trazendo outras estruturas aqui, né. O âmbito da espiritualidade com a representação da igreja Universal. (Pombagira). A privatização dos espaços públicos de lazer. (Navalha). Tenha a sua própria praia. (Pombagira). O que querem fazer com Noronha...Noronha é um grande projeto. (Navalha). A venda dessa coisa que você consegue ter a sua própria praia se você mudar o seu mindset e se você comprar os meus cursos você vai ser próspera a ponto de comprar a sua própria praia. Quando isso a gente sabe seria acessível apenas pra poucos. Por isso que a gente colocou uma faixazinha muito pequena, porque só quem teria condições de comprar a sua própria praia não seriam nós que queremos acesso a praia a lazer. (Peixe). Essa pirâmide representa como hoje é estruturado uma ideia de bem estar dentro de uma democracia, que não é uma democracia social e sim uma democracia neoliberal que a gente vive, porque no nosso trecho orientador, o autor fala como a democracia deveria servir para ser uma base do Bem Viver, só que a gente entende que a gente vive numa democracia já há anos e a gente não vê isso sendo realmente sendo um foco da democracia, porque a democracia não está pautada nisso, porque ela se pauta em outras coisas que significam justamente o oposto do nosso Bem Viver. E aqui dos lados a gente colocou (rubitanio). Por que a nossa pergunta é o que é Bem Viver (interrogação)? Dentro dessa estrutura há Bem Viver? Pra gente não. Mas a gente consegue enquanto comunidade, enquanto pessoas dissidentes a gente se organiza em outros espaços que são marginalizados da estrutura. Que orbitam fora da estrutura e a gente consegue ter lugares criados por nós mesmas, de lugares e momentos, ações que promovem o Bem Viver pra nós e pras nossos...(Navalha)

Há Bem Viver? Verbo transitivo que questiona a existência do Bem Viver. Para isso, pensar em formas concretas de Bem Viver na realidade social na qual vivemos nos colocam em pontos estratégicos na construção do Bem Viver. O ponto de interrogação questiona a finalidade das pontuações feitas do Bem Viver. Retroalimenta-se fazendo sua criticidade atuar no movimento de mudanças necessárias. Aqui cabem todas as questões, ainda que se acabem os papéis e tintas.

A oportunidade de Bem Viver aparece como uma alternativa às problemáticas mundanas e direitos inalienáveis. A crítica à democracia mais uma vez aponta para o fracasso da organização social e política do ocidente, que expande-se para o oriente no processo de globalização. A soberania dos Estados democráticos se coloca em degraus acima do Bem Viver. A estrutura de pirâmide mostra a desigualdade na qual vivemos. Quem está abaixo sustenta os de cima, quem está acima deixa suas migalhas caírem para aqueles esfomeados que se encontram abaixo. A estrutura é hierarquizada. Um prédio preste a desabar que precisa ser implodido urgentemente.

Figura 11 - Apresentação há Bem Viver?



Foto: Yafê Di Napoli, Jan. 2025.
Local: Terreiro de Jurema Xotwkaxe,
Carpina-PE

Figura 12 - Cartografia questionando o Bem Viver



Foto: Yafê Di Napoli, fev. 2025.

Percebe-se na cartografia as problemáticas encontradas que causam risco à plenitude do Bem Viver. Ao redor encontramos justamente os elementos que promovem o Bem Viver. Contudo, como dito na fala, esses antivírus do capitalismo orbitam marginalizados. A comunidade de Abya Yala desterritorializa as américas, reterritorializa a América Latina, enquanto cria territorialidades na dinâmica contemporânea espaço-temporal da retomada de saberes ancestrais que são fundantes das organizações sociais dos parentes antepassados. Esta compreensão cartográfica tem relevância para a educação básica, sobretudo para o ensino de geografia por criticar diretamente a estrutura social e o contexto de organização ultra-neoliberal que o planeta globalizado enfrenta.

Bem Viver...

“O Bem Viver se afirma no equilíbrio, na harmonia e na convivência entre os seres. Na harmonia entre o indivíduo com ele mesmo, entre o indivíduo e a sociedade, e entre a sociedade e o planeta com todos os seus seres, por mais

insignificantes ou repugnantes que nos possam apresentar. Somente a partir destas três harmonias é que conseguiremos estabelecer uma profunda conexão e interdependência com a natureza de que somos parte.”

Célio Turino

A gente fez um conceito da gente escrever a "Yby Marãeyma" isso significa terra sem mal. É um significado de terra sem mal. E aí, a gente colocou... Dentro disso a gente trouxe o Carcará como representação de um ser que também passou pelo processo de estar num contexto de ter de sobreviver a civilização e ter uma outra forma de vida dentro disso, mas que aqui ele vive uma vida livre e sem interferência humana, porque os humanos morreram nessa realidade. É uma outra história. (Sol Nascente). E aí eu acho que dentro de tudo que a gente foi construindo aqui junto, a gente chega a um lugar de próximos passos de criação de algo. Porque a gente aborda os conceitos, a gente aborda os questionamentos, a exclamação do que se há... E agora a gente tá passando para os próximos passos. Eu penso muito sobre o que Ailton Krenak fala sobre esse futuro ancestral que a gente tanto aborda e que a gente hoje está vivendo isso também. Que ao mesmo tempo que a gente tem a cidade, ela só tá pra gente enquanto acesso a alguns tipos de políticas mas no final de tudo a gente acaba não querendo estar nela, a gente acaba não querendo construir dentro dela, no final das contas a gente só, sabe? E aí, a gente pensou no Carcará (figura 13) literalmente porque ele é um pássaro que tá dentro de mata e dentro de agreste, mas que ele também tá na cidade com resistência, pensando em corpos como a gente, que são corpos em retomada, que são corpos que estão repensando a sua identidade e até mesmo sobre a dissidência também de corpos trans que muitas vezes não conseguem sobreviver dentro da mata que muitas vezes é o nosso lugar. A gente tá aqui. E aí a gente pichou aqui justamente porque muitas vezes a gente marginaliza tudo. A gente tem esse lugar de querer marginalizar as coisas mesmo. (Curupiro)

Porque tiraram esse rosto da gente. Essa é uma forma de colocar isso na pratica (figura 14). A gente também trouxe uma plantação de

milho com diferentes cores porque era também um símbolo da gente tirar de dentro da monocultura, de não construir isso dentro da monocultura, e porque antigamente era assim, tipo a gente tinha várias espécies de milho diferente, vários tamanhos diferentes. Isso é uma coisa que também foi apagada. É aí tem a onça também, porque fica aquela reflexão, mesmo dentro do Bem Viver quais são os perigos que tão ali dentro? O que é que aquilo pode ter de que a gente nunca vai conseguir conquistar um Bem Viver pleno. (Sol Nascente)

Porque é um equilíbrio. A gente tava falando muito ontem, a gente voltando do mercado, a gente tava falando sobre esse equilíbrio, que na realidade é a junção das coisas. Que a gente vive bem. A gente bem vive dentro de vários lugares e antes a gente bem viveu. A gente bem viveu com os perigos e com tudo que tinha mas é porque era o equilíbrio ne. A gente tinha as coisas ruins, a gente tinha a morte, a gente tinha o que tinha, tinha gente filha da puta, não tinha também... Porque aí a gente escreveu várias palavras em tupi a partir do livro da nossa tchioco. E aí algumas palavras são katu (bem, bonito) e aib que é mal. Justamente trazendo dentro disso tudo esse lugar do equilíbrio. Que a gente tem que entender que se a gente for construir nos próximos momentos esse Bem Viver a gente vai construir a partir desse equilíbrio e desse desequilíbrio também. Quer dizer desse equilíbrio. É aí também tem aqui aby abo que significa transgredir que é a palavra que estava demarcada no livro. E é isso, dentro das nossas visualizações do que é mundo. Eu acho tudo isso que a gente fez aqui enquanto grafismo, enquanto abstrato, como queira falar vem desse lugar. É aí, no final a gente botou xotwkaxe também. Porque eu acho que a gente tá construindo tudo isso aqui hoje e agora. O nosso futuro a gente tá construindo aqui, hoje e agora. Eu acho que quando eu coloco no meu TCC que a gente tem que entender e construir a partir de práticas indígenas pedagógicas de retomada é isso o que a gente tá fazendo agora. Eu acho que esse Bem Viver a gente tá construindo agora. A gente tá de colocando em disposição. Todo mundo aqui tem a vontade de estar aqui e de querer construir aqui. Tudo isso aqui. Tudo que a gente

está vendo aqui é algo que a gente construiu que possibilitou para que tudo isso acontecesse. (Curupiro).

*De um sonho como construção de algo já vivo. (Sol Nascente).
Sonhos ancestrais de uma terra moderna (Navalha).*

E tipo, também, além disso, de como que antes... Tem algumas imagens espalhadas de algumas rotas, de pessoas fazendo algumas rotas. E ai assim a gente sempre pensa também de que tipo antes esse lugar de ir pra cidade... Porque a cidade também é um lugar de um conforto maior. Não conforto maior, mas, de uma oportunidade maior. Era visto como uma esperança. É aí a gente consegue colocar como uma parte desse caminho também, o que é que é essa esperança agora e o que foi. (Sol Nascente). Rio produzindo árvores. Produzindo com galhos. Acho que a gente finaliza dessa forma. Não sei (Curupiro)

Figura 13 - Apresentação Bem Viver...



Foto: Yafê Di Napoli, Jan. 2025.
Local: Terreiro de Jurema Xotwkaxe,
Carpina-PE

Figura 14 - Cartografia *Ýby Marãeyma*, a terra sem mal.



Foto: Yafê Di Napoli, fev. 2025.

Bem Viver... nos convida a pensar a partir das reticências. Do ponto final às reticências ou ao contrário, das reticências ao ponto final. O novo nome surgirá de acordo com seus objetivos. O significante e o significado operam no mesmo desejo maquínico. O desejo de... é sempre uma nova constância de multiplicidades. Bem Viver sem conjugações nem subjugações discriminatórias. Aqui nós nos abrimos as possibilidades e as potencialidades da vida.

Bem Viver são três ecologias basilares na harmonia do planeta. A criação de uma palavra interdependente para o Bem Viver trouxe novos significados para a vida. Nesta narrativa cartográfica não fica mais a consciência presa a mente humana, ela é cosmológica, transversal e conhecedora da morte e do morrer. Esta trilha segue trajetórias inimagináveis, permeando caminhos onde os perigos que se apresentam ao Bem Viver fazem com que nossa persona identitária seja marginalizada em segmentos minoritários.

Percebe-se o equilíbrio como eixo central para o Bem Viver. Que também pode ser entendido como o processo de territorialização. Na cartografia é perceptível a predominância da natureza sobre o meio urbano. A grande ave trazida pelo primeiro

grupo reaparece como o grande pássaro valente, o carcará. O nome do terreiro aparece como símbolo do processo de desterritorialização do Bem Viver. Várias linhas de fuga são traçadas. Esperançar o futuro ancestral é fugir da morte humilhante que o capitalismo oferece, através de rotas como as citadas na fala de Marê.

4.4.2 Tratados à Ecosofia: acordo Bem viver

Ecosofia Mental

No grupo essa ideia do que seria um corpo e o que seria humano dentro de qual perspectiva a gente já olha (figura 15). E aí muito se pensou em fazer um corpo, uma coisa mais humanoide, só que de que perspectiva? Porque as árvores que foi a ideia inicial da gente elas basicamente tem as mesmas funções que a gente, elas nascem, elas crescem, elas se reproduzem, elas se comunicam entre si. É aí também é um corpo, só que um corpo que é vivente e não tem órgãos. É aí em qual perspectiva a gente é ser humano, olhando isso. Aí a gente foi colocando... Tentou ver... Já que não são órgãos humanoides a gente colocou coisas passíveis a sobrevivência. Os órgãos pra reprodução, que não precisam ser usados como a gente usa os nossos ne, humanos. As plantações que são os galinhos. (Fumaça).

Aqui eu coloquei esse arco aqui representando a autoestima como sendo algo que nos envolve, mas ao mesmo tempo está dentro, sabe, Que protege (Peixes).

Essa conexão aqui com o olho. (Fumaça).

Era pra fazer um corpo sem órgãos mas aí é isso a gente ressignificou. São órgãos mas não necessariamente eles cumprem uma função. A gente tava arriando a lombra, tem um olho mas não quer dizer que ele vê pelo olho. Ele só tá aí existindo, vivendo a vidinha dele com seus órgãos mas ninguém nunca vai sentar nessa neca. Ninguém nunca vai beijar essa boca. Esse olho nunca vai ver nada ne. É começou com um galinho ne. Que foi a lombra da árvore também. E o nome foi Rebis que a gente deu. (Ritinha).

*Aí tem os cus também que são o meu, o de Ritinha e o de Peixe.
(Fumaça).*

É esse nome Rebis é um rolê da alquimia. A obra final da alquimia que é quando consegue lá a pedra filosofal... Aí é um bicho hermafrodita. Que é meio que o ser humano em sua totalidade. Quando Deus criou a floresta, Adão e Eva, eles eram um ser só do barro que cada um estava virado pra um lado. Aí a gente juntou várias cosmovisões nas coisas. Uma lombra. (Ritinha).

A ecologia mental é a Ecosofia da inter subjetividade humana. A consciência abriga a mente humana. A mente humana obriga a consciência ao julgamento moral de sua lei. É uma relação de alteridade na qual se criam territorialidades a partir das relações com o outro. Assim, foi proposto uma desterritorialização do corpo humano. A criação de um corpo sem órgão nos remete à deriva dos territórios reais da existência articulando os componentes de subjetivação a uma existência ecosófica.

O material utilizado para o desafio proposto de construir um corpo “humano” sem órgãos foi justamente a argila. O barro possui ação criadora e modeladora da criação em várias cosmovisões de povos ancestrais. O contato manual e artesanal com este elemento aciona movimentos subjetivos entre o fazer e conhecer. Buscou-se a desterritorialização do corpo como também a sua reterritorialização como cartografia que expande a experiência do corpo para além da sua funcionalidade orgânica a partir da união conjunta de órgãos.

A produção cartográfica cria um corpo que possui ressignificações de sua própria existência. A denominação escolhida para ele revela seu caráter alquímico. Destaca-se o olho como órgão central, uma espécie de glândula pineal ativa envolta de galhos que passam uma ideia motora (figura 16). Na parte inferior da figura localiza-se órgãos relacionados à sexualidade e erotismo. Percebe-se uma base mais fixa e ligada à materialidade corpo modelador da cartografia.

Figura 15 - Apresentação de
Rebs: o corpo sem órgão



Foto: Yafê di Napoli, Jan. 2025.

Figura 16 - cartografia de um
corpo humano sem órgãos,
moldado com água, argila,
galhos de árvores e minerais.



Foto: Nàvidá Silva, Jan. 2025.

Abaixo a citação de Guattari indica que os objetivos deste trabalho foram alcançados e que mesmo sem trabalhar conceitos científicos de forma tradicional, as definições e características da Ecosofia mental aparecem neste trabalho nas Cartografias dos pesquisadores.

“A ecosofia mental, será levada a reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o fantasma, com o tempo que passa, com os “mistérios” da vida e da morte. Ela será levada a procurar antídotos para a uniformização midiática e telemática, o conformismo das modas, as manipulações da opinião pela publicidade, pelas sondagens etc. Sua maneira de operar se aproximará mais daquela do artista do que a dos profissionais “psi”, sempre assombrados por um ideal caduco de cientificidade” (Félix Guattari).

Ecosofia social

Tentando pensar sobre essas relações né e aí eu tava trocando uma ideia com Marê e com Rio, sobre esse lugar de pertencimento e de estadas, assim estadias, territórios do que os nossos corpos a partir das relações também foram indo pra outros lugares. Minha avó por exemplo é uma pessoa que nasceu na mata norte e a partir desse lugar de nascença ela voltou pra... Ela veio pra praia, pra Olinda. E a partir de alguns estudos eu percebi que o lugar na realidade que antes de... as crianças ancestralmente falando que a minha família estava era em Igarassu. Então querendo ou não ela tem talvez essa ligação com a praia. E aí ela meio que volta pra praia e aí já perguntei pra ela 'voinha a senhora pensa em ir pra mata norte, vamos pra Orobó de novo não. E ela "nããã eu tô bem aqui, não sei o quê, não sei o quê. E já é diferente comigo que eu tenho uma grande vontade de ir para Orobó, de ir para Limoeiro, passar um tempo, não sei, morar, talvez, quem sabe... E aí, a gente pensou junto, falamos sobre esse processo dessas andanças que o corpo ocupa, e as vontades, essas querências a partir dessas rotas e relações a partir disso assim né. A gente começou construindo o mar e tudo mais com tudo o que a gente vê com esse lugar do mar e pensando também nesse futuro, colocamos os prédios pretos no mar (figura 17). Que é esse lugar do acampamento das praias também e tal. Que é o lugar onde vai ocupar. Esses prédios eles tem que ser reabitados. Vai ter maloqueiro tudo se jogando dos prédios. (Curupiro).

Essas rotas são muito praticamente pra vocês entender assim... E como a gente praticamente, não sei, a gente se encontra em vários lugares ou em um lugar só e geralmente em vários. E assim como a família de Marê, minha mãe é daqui de Taquaritinga e de Vertentes. E ela foi justamente pro litoral com minha tia pra tentar buscar novas oportunidades, tentar prosperar da forma que ela entende esta prosperidade. E enfim eu acho que é isso... Eu também estou nessa de tentar voltar pra cá. E não sei, eu acho que é isso. Eu gosto muito da ideia do mar avançando. Assim, não que eu goste da ideia do mar avançando... Tipo é uma coisa que vai acontecer, sabe? Eu gosto de imaginar que a gente também vai começar a reconstruir isso de uma

outra forma (figura 18). Porque acho que vai ser um espaço em que as pessoas que tem grana não vão habitar, muito provavelmente e que pode ser um lugar que a gente também pode habitar de alguma outra forma. Tipo reconstruir, remodelar. Com muito mais natureza, sabe? Eu acho assim... Repovoar mesmo (Coque).

Ah e eu botei algumas fotos bem interessantes no prédio. Tem uma que é umas ovelhas que tem comportamento animal. Ai tipo tem uma igreja aqui. Tem tipo... Existe vida após delete? Umas parada assim, umas lombra. Acho que as colagens elas também estão falando bastante coisa. (Curupiro).

O segundo grupo teve como desafio produzir uma cartografia que abordasse a Ecosofia das relações sociais. Para isso, utilizaram recortes de revistas, jornais e livros para a produção de uma maquete na qual uma comunidade emerge como morada dessas relações. A produção foi feita por madeira e seus derivados. Papeis, papelões, folhas, papel, galhos e cola preencheram o espaço de uma caixa de papelão. Em cima dela um Recife futurista vivendo novas relações sócio-espaciais.

Na fala, percebemos as relações sociais familiares presentes em como se enxerga um novo mundo. Uma comunidade sem casas. Uma resignificação do mundo a partir das experiências vividas e aprendidas. Esse olhar para o mundo evidente no conflito geracional em questão é uma ampliação das relações de fluxos migratórios na qual os encontros fundam-se em condições necessárias à manutenção da vida digna.

Esta cartografia está nos detalhes de cada imagem colada e colocada. A escolha delas não foi meramente aleatória, mas atraídas pela sincronização com o desejo. O lado dos prédios (onde fica o mar que avançou) é o ponto de retomada da natureza (figura 18). A expansão de sua territorialidade às suas origens. O recuo é daqueles que não conseguem viver neste espaço. A permanência é daqueles que encontram dentro das adversidades formas de resistência e luta que não torne o desejo do oprimido se tornar opressor. Mas que reinvente as práticas de relação dos seres com a natureza. Diametralmente aos prédios no mar azul, estão as árvores no mar verde, onde essas novas relações transitam em suas trajetórias nômade.

Figura 17 - cartografia utilizando materiais vegetais, folhas, madeira, papéis e papelões



Foto: Yafê di Napoli, Jan. 2025.
Local: Terreiro de Jurema
Xotwkaxe, Carpina-PE.

Figura 18 - cartografia afetiva da ecologia das relações sociais



Foto: Nãvidá Silva, fev. 2025.

Mais uma vez a citação a seguir nos indica o alcance exitoso dos objetivos deste trabalho. As cartografias corroboram com a definição científica desenvolvida por Guattari. Assim, fica evidente o diálogo transdisciplinar entre os participantes desta pesquisa articulados com a ancestralidade científica de saberes populares.

*“A **ecosofia social** consistirá, portanto, em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a **reinventar maneiras de ser** no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho etc”.* (Félix Guattari)

Ecosofia ambiental

Mostrar (figura 19) biomas distintos mas que de alguma forma querer que eles estejam existindo em equilíbrio com tudo que está aqui. Seja do caranguejo a esse raiochu aí (Navalha). É uma raposa (Juliana). Da ocupação humana em sua e a nossa produção da agricultura. E não só isso, acho que foi um exercício de imaginar como a gente imaginaria como as coisas poderiam ser, com outras urbanidades, outras... O que difere uma aldeia de uma cidade? Assim numa lógica de habitação. Para além dessa (inaudível) que o outro grupo colocou. O mar avançou e tomou tudo porque isso aqui não foi pensado em equilíbrio né. E aqui a gente tentou simbolizar de alguma forma. De ter esses lugares distintos com características distintas mas todas em harmonia. O mar com o rio. O encontro do mangue, do nascimento das coisas. Uma praia com lazer. Não sei acho que é isso, a gente só foi muito fazendo né (Navalha). Foi sentindo (Pombagira). A gente não discutiu o que é que a gente vai fazer. A única coisa que de fato a gente discutiu foi de começar pela água. A cobra serpente. A cobra canoa. (Navalha). A coexistência sem condenar a vida de ninguém. Só viver em harmonia com tudo fazendo parte da natureza também. (Juliana). É meio que futuro ancestral. Pensar que depois disso será que a gente consegue retornar pra isso. (Navalha). Não é uma utopia (Juliana). Ali tá alagado, esse rio é a continuação daquele mar, daquela água? (Navalha). Aquele mar vai desabar nessa praia que tem um transmasc e uma travesti curtindo. (Pombagira) Eles estão ali isolados nas torres deles. (Navalha). E eu acho que foi muito a visão de um zoom de uma imagem que a gente deseja assim. Que a gente começou a pensar num mapa e se a gente fosse discutindo território a gente poderia ter feito uma demarcação ou algo mais macro, mais grande e é que nem Ray falou, é como a gente dá um zoom assim no Google maps e vai vendo um lugar e a gente pensou nesse lugar sendo a água e o que teria perto dessa água, e foi construindo esse mundo possível. Acho que muita coisa aqui reverberou da primeira oficina. Pronto pra mim isso é Bem Viver. (Pombagira). Quais os contextos Rebis ia poder existir de boa? (Fumaça). Clarinho aqui ó (Pombagira). E a gente até brincou que essa aldeia é habitada por Rebis. É a aldeia que

*esse povo que mora aqui é o povo deles. Essa é a aldeia dele. (Navalha).
Rebis que fez a reabitação (Maré).*

Já a terceira produção cartográfica (figura 20) teve a Ecosofia Ambiental como desafio. Aqui é como se uma boneca russa se abrisse e percebêssemos mais uma vez a presença das três ecologias operando na luta pela emancipação de sua existência. O caminho do meio é a integração entre ser humano e ambiente, entre cultura e natureza, é o meio que preenche o espaço por inteiro. O desafio foi construir um novo mapa do mundo, de acordo com a dinâmica da Terra. Um tecido branco foi preenchido com tintas. Os lápis e pincéis delinearão linhas de fuga para um planeta ecosófico.

A espontaneidade que conduziu a produção cartográfica através dos meandros do rio. Uma nova geografia se forma e informa as multiplicidades da Terra territorializar sua existência. A interação entre os grupos se fez presente nas indagações de como e onde um corpo sem órgãos poderia estar nessa conjuntura. Elementos da primeira oficina também reverberam na fala dos participantes. O Bem Viver se manifesta enquanto prática cartográfica do mundo. A ecologia ambiental descentraliza os paradigmas do meio ambiente partido só meio desintegrado da harmonia equilibrada do mundo.

Na cartografia percebemos uma abundância da natureza e de seus elementos. A presença humana parece não perturbar a natureza. O lugar central da aldeia em uma terra entre rios resgata o futuro ancestral dos povos que trazem sua memória nas águas, correndo como veias em rio a Terra oxigena seu solo e cerca-se com suas florestas exuberantes. Assim, criam sua sustentabilidade espalhando sementes que garantem uma Ecosofia Ambiental sonhada num plano de consistência real. A diversidade da paisagem destaca-se pela presença de diferentes ecossistemas. De alguma forma todos os participantes da pesquisa acabaram presentes na obra final.

Figura 19 - apresentação da cartografia ambiental



Foto: Yafê Di Napoli, Jan. 2025.
Local: Terreiro de Jurema Xotwkaxe,
Carpina-PE.

Figura 20 - cartografia do território existencial do meio ambiente

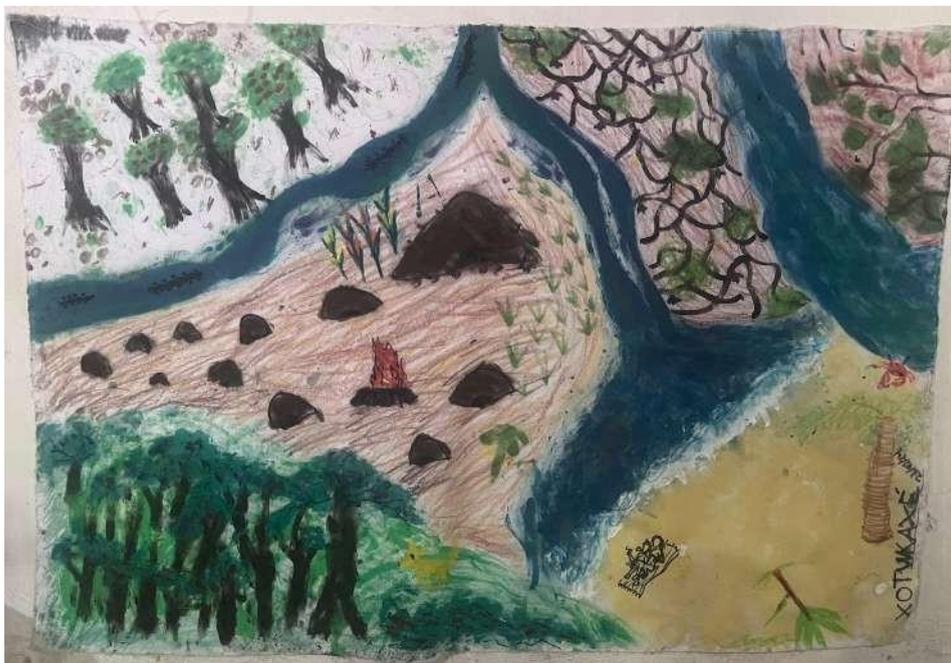


Foto: Yafê Di Napoli, fev. 2025.

Por fim, segue a última citação referente a ecologia Ambiental. Aqui trata-se de observar esta citação descentralizada do modelo tradicional científico. Cada parte é uma totalidade, sendo o conjunto de suas partes mais do que apenas a junção de cada elemento. As lutas sociais são contra estruturas hegemônicas e estas estruturas estão também na padronização de operacionalização do pensamento. Esta pesquisa é uma convite a sentir. A deixar a leitura a qualquer instante. A desconstruir para construir algo novo.

“A ecologia ambiental, tal como existe hoje, não fez senão iniciar e prefigurar a ecologia generalizada que aqui preconizo e que terá por finalidade descentrar radicalmente as lutas sociais e as maneiras de assumir a própria psique” (Félix Guattari).

4.5 Trilha 5 - Avaliação

A avaliação ocorreu através de palavras chaves que expressassem o sentimento despertado durante as oficinas. Assim os sentimentos despertados na primeira oficina foram (figura 21): escrevivência(s); contracoloniar; resgate; bem vivida; pedagogia ancestral; recriar; autoestima étnica; movimento. Enquanto que na segunda oficina foram despertados os seguintes sentimentos (figura 22): consciência da possibilidade de um futuro; autonomia de pensar o futuro; um pouco de paz; construir novas formas de viver; respeito à natureza; conseguir objetificar o subjetivo foi um desafio; o futuro é ancestral; ser um corpo insurgente dentro de um sonho possível; transitar no rio.

As duas oficinas, organizadas com base na cartografia do desejo, revelam uma potente articulação entre memória, resistência e futuro. No primeiro (figura 21) grupo de palavras, emergem termos como "escrevivência(s) contracolonial", "resgate" e "pedagogia ancestral", indicando uma ação política e subjetiva de reconexão com saberes e práticas que foram historicamente silenciadas. A ideia de "autoestima étnica" e "movimento" reforça esse caráter afirmativo e dinâmico do processo, não como um retorno passivo ao passado, mas como uma recriação contínua.

Na segunda oficina, o foco se desloca para a projeção de futuros possíveis, porém enraizados na ancestralidade. A frase "o futuro é ancestral" sintetiza essa visão, onde o passado não é visto como um fardo, mas como uma fonte de potência para construir novas formas de viver. A noção de "objetificar o subjetivo" sugere a dificuldade, mas também a importância, de transformar afetos, memórias e experiências

em narrativas e ações concretas. O desafio de transformar subjetividades em práticas e narrativas compartilháveis evidencia a complexidade, mas também a urgência, de construir outras formas de existência. O respeito à natureza e a busca por paz revelam uma crítica ao modelo hegemônico de vida e a aposta em relações mais equilibradas com o ambiente e com o outro.

As oficinas revelam um caminho potente de elaboração subjetiva e coletiva. A partir de uma escuta sensível e de práticas de escrita e fala que valorizam as "escrevivências", os participantes puderam acessar memórias e afetos relacionados às suas identidades étnicas e culturais, promovendo um resgate contracolonial. Esse processo se desenha não apenas como recuperação de um passado perdido, mas como recriação de si e do mundo, afirmando uma pedagogia ancestral que alimenta a autoestima e promove movimento.

Figura 21 - avaliação da oficina 1

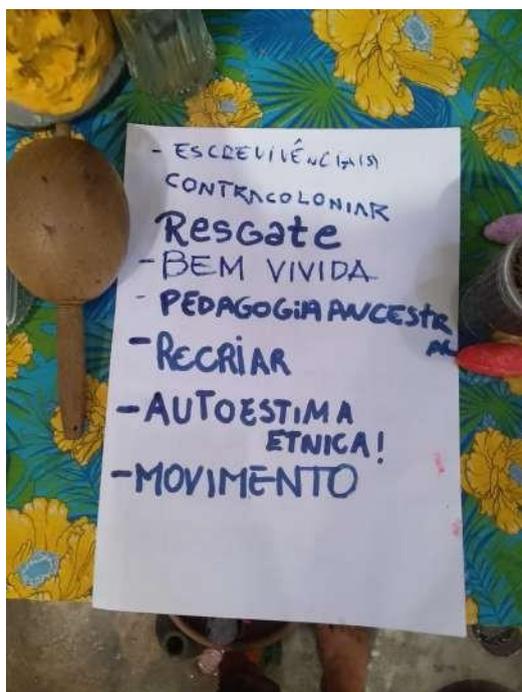


Foto: Nàvidá Silva, mar. 2025

Figura 22 - avaliação da oficina 2

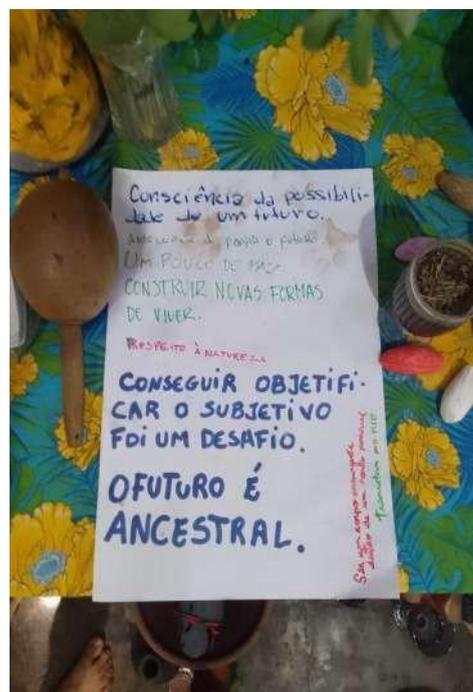


Foto: Nàvidá Silva, mar. 2025.

Percebe-se as avaliações como formas positivas de diálogos transformadores. A avaliação aqui também é entendida como um compromisso intersubjetivo dos

pesquisadores participantes. O caráter qualitativo da pesquisa reaparece nos sentimentos descritos na avaliação. Inventam-se novos conceitos, nomeia-se novas identidades e encontram-se novos objetivos e diretrizes. Os princípios políticos-éticos-estéticos modulam a avaliação geral como tendo atendido aos propósitos das oficinas. Percebe-se também como elas se retroalimentam, formando seu próprio Ecossistema, não sendo desmembradas simplesmente como parte de uma avaliação individual mas sendo háptica, percebida pelo movimento coletivo e de ordem inconsciente.

Assim, essas oficinas mostram como a cartografia do desejo pode ser uma ferramenta fecunda para a insurgência subjetiva, a descolonização dos saberes e a construção de futuros enraizados na ancestralidade.

4.6 Trilha 6 - Fechamento

Diferente do planejamento, este momento de encerramento não foi feito ao som de nenhuma música. Mas das próprias vozes dos participantes da pesquisa. Como foram feitas as duas oficinas no mesmo dia, o fechamento da primeira ocorreu também com o da segunda.

Este foi um momento positivo de boas ideias para voltar para casa e repensar como Bem Viver. Neste momento também surgiu algo que foi de suma importância para esta pesquisa: o marco das oficinas como inauguração da Escola Livre Xotwkaxe. Essa pesquisa, dessa forma, cumpre sua função social e se justifica como uma necessidade reivindicada e aceita pelos integrantes do terreiro.

Os participantes perceberam a importância desses momentos de educação popular em saúde em espaços comunitários e de cosmovisões como revoluções molares e moleculares do novo milênio. Assim, a escola livre nuela trouxe a principal ação dessa pesquisa, criando uma linha de fuga que marca as trilhas de novas territorialidades que começam a ser criadas a partir do despertar do presente trabalho.

5 MULTIPLICIDADE DIALÓGICA DE SABERES NÔMADES

5.1 Territorialidades da Jurema Sagrada: a geografia da saúde e a educação popular

Chegamos num ponto crucial da pesquisa. As cosmopercepções são arranjos científicos neste trabalho para a compreensão da Ecosofia do Bem Viver através da Educação Popular em Saúde vivenciada num terreiro de Jurema Sagrada. Assim, as territorialidades aqui abordadas são trajetórias formadas por linhas que fogem da geometria cartográfica clássica, do decalque e da imitação. Aqui compreendemos a cartografia como sendo criadora de desejos e não meros reprodutores de tradições heteronormativas e escravizantes.

Em linhas gerais, uma cosmovisão nada mais é do que um modo de ser e estar no mundo, ou seja, uma forma de compreensão e experimentação do planeta. É a própria esquizoanálise. Isto implica nas experiências pessoais, na cultura e na sociedade estarem dinamicamente integradas no processo de construção do Bem Viver e da Ecosofia. O espaço do terreiro é historicamente conhecido por ser um espaço de resistência. Ainda nos dias atuais o racismo religioso faz com que muitos terreiros sejam atacados, violados, queimados e demonizados. Como aponta Freire (2014), qualquer discriminação é imoral, logo temos o dever de lutar contra os preconceitos, por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar.

A territorialidade é a possibilidade de construção de modos de individuação expressa na apropriação do espaço tanto física quanto simbolicamente. Ou seja, é a realização da realidade humana para compreender e transformar o território para a sua existência. Podemos considerar dois níveis da territorialidade, um individual e outro coletivo, o primeiro se refere ao espaço pessoal imediato, considerado em muitos contextos culturais um espaço inviolável, enquanto que no segundo torna-se um meio de regular as interações sociais e reforçar a identidade de grupos e comunidades (Albagli, 2004).

Ao pensarmos numa cartografia clássica de decalque traçamos os territórios com linhas cortantes em mapas quadriculados. Mesmo com avanço da imitação da realidade, representados atualmente pelas realidades tecnológicas virtuais, imagens superdimensionadas de seres humanos espelhando-se em uma lógica racional

estruturada num espírito primitivo enquanto sua ancestralidade vive primordialmente na espiritualidade que eleva o espírito do ser para a comunhão do espírito com o mundo.

A perspectiva científica é uma curva perigosa na estrada, é um caso imoral de amor marginal, é o cotidiano experimentando conhecimentos. Nem tudo o que é experimentado pode ser absorvido pelo organismo vivo. É preciso que as linhas de fuga estejam sempre ativas. Para Morin (2000) todo mundo comporta o erro e a ilusão. O erro e a ilusão é achar que está tudo pré-configurado para um apocalipse zumbi advindo de uma morte estúpida, sem a glória dos guerreiros ou a morte dos sonhos dos anciãos e encantados da natureza.

A Terra nos avisou que o Bem Viver Pachamama está em crise e que na destruição do mundo humano, tudo o que será destruído é a cultura do homo sapiens sapiens. A epistemologia científica nos ensina que nem sempre as coisas são o que parecem, e esta ilusão pode nos induzir a erros críticos quando não estimulamos nossa capacidade de criticidade sobre o mundo. A ciência nos desafia e é por isto que ela deve estar presente na educação popular.

Um exemplo disto é a Educação Popular em Saúde como prática na área da geografia da saúde, compreendendo de forma integral a saúde coletiva e a geografia da população. É importante também entender que as ações de EPS por mais que se concentrem nos programas de pós-graduação são derivados de saberes populares e ancestrais. Assim, o fortalecimento e a valorização desses saberes constituem as práticas de EPS.

Talvez devamos pensar mais na geografia em saúde como alternativa ao modelo fracassado de lógica manicomial e hospitalocêntrica, tendo uma abordagem integrada entre diversas áreas do conhecimento. A geografia da saúde precisa romper com o paradigma médico de sua própria nomenclatura. Compreender a geografia em saúde é um caminho que pode nos levar a novas possibilidades que respeitam os direitos da natureza e os direitos humanos, que ocupam espaços de manifestações encantadas de ciências antigas. Conhecimento e ciência se confundem em suas vias de popularização e o trabalho educativo se mostra como conjunto de aldeias humanas que desejam seus lugares de pertencimento na história do mundo.

Podemos verificar isto nas cartografias da Ecosofia Ambiental na qual a aldeia se torna uma figura central na reconfiguração da Terra. Porém, sua centralidade não

funciona como polo atrativo de hierarquia urbana, mas como centro de circularidade de cultura e Bem Viver planetário, articulado com o respeito a natureza ancestral.

Sair da escola é um caminho de voltar à comunidade sem jamais ter deixado de sair dela. É o despertar da ação educativa como ferramenta socioconstrutivista do mundo. Assim, aperceber-se como as escolas formais estão detidas nas grades curriculares de categorias profissionais, fragmentos de conhecimentos espalhados como jogos de quebra-cabeças com milhares de peças perdidas. Já uma escola livre propõe novas interações entre os conhecimentos, produzindo ações educativas em diferentes trajetórias territoriais.

A escola torna-se a própria casa dos participantes desta pesquisa, enquanto seu corpo, sua residência e seus hábitos. A escola expande-se para os lugares de encontro da coletividade almejando objetivos comuns. A territorialidade transforma o terreiro de Jurema Sagrada em uma escola livre, num centro cultural, numa casa de candomblé, numa oficina artesanal, várias são as possibilidades. Isto ocorre sem prejuízo ao terreiro ou aqueles que o compõem, pelo contrário, potencializa sua capacidade de trabalho coletivo de transformação do mundo.

O terreiro é uma multiplicidade da territorialidade da Jurema Sagrada. O espaço sagrado é uma egrégora construída de saberes mútuos e entrelaçados. Misturam-se as substâncias constitutivas fundamentais ao fenômeno da existência materializada através da mente.

Os sentidos do terreiro enquanto territorialidade são disputas de interesses territoriais nos quais os territórios são denominados políticos. A aldeia cumpre a mesma função, como também cumprem o salão, o terreno, a tenda... Diversos são os exemplos. Nessa multiplicidade de saberes nômades cria-se agenciamentos maquínicos da cartografia do desejo.

5.2 Escola livre de educação popular em saúde

Tem-se avançado em modelos de escola que fogem aos moldes da escola formal. As escolas livres são exemplos dessas fugas de educação bancária. A escola precisa pertencer a comunidade num sentido amplo de pertencimento e não de posse. Assim, seus espaços de manifestações são diversificados. Desafia a hierarquia e as distâncias impostos pelo interesse político de fazer da escola a fábrica produtora de mão-de-obra proletária, acumulando o patrimônio do patrão. Gera riqueza sem valor de troca. Gera o

mercado da boa educação de berço. Aqueles nascidos em manjedoura, em rios, são vistos como exceções, minorias, resquícios de outros tempos. A Educação Popular em Saúde é uma política pública que permite o encontro da educação e da saúde duas sombras que acompanham o trabalho humano e seu ócio criativo ou fugas de lazer.

O modelo escolar funda-se no Brasil com a colonização portuguesa e os missionários jesuítas que catequizavam os indígenas. Este é o embrião que funda a educação escolar no país, uma educação hierarquizada, descontextualizada, violenta, pois, proibia a disseminação e propagação das culturas e costumes indígenas. Além de punir o uso de línguas não portuguesa.

A educação institucionalizada, especialmente nos últimos 150 anos, serviu - no seu todo, - ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema do capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes, como se não pudesse haver nenhuma alternativa à gestão da sociedade, seja na forma "internalizada" (isto é, pelos indivíduos devidamente "educados" e aceitos) ou através de uma dominação estrutural e uma subordinação hierárquica e implacavelmente impostas (Mészáros, 2015, p.35).

Destarte, a escola só servia para manter os ideais dominantes e controlar a população, sem permitir a liberdade de crenças e a multidiversidade de saberes. Embora a escola tenha adquirido o aspecto de salvadora, é preciso reconhecer sua vertente cruel de mantenedora de violências e normatizadora de discriminações, que foram passadas pelo sistema serial ao longo dos séculos. Como aponta Mészáros (2015), o processo de exclusão educacional se dá dentro da própria escola por meio das instituições formais de educação. Para o autor supracitado as soluções não podem ser apenas *formais*, elas devem ser *essenciais*.

Esta ambiguidade da escola é o que nos faz pensar em novos modelos que superem a educação bancária. Por isso, este trabalho volta-se para a educação popular, pois se aproxima das pessoas a partir da valorização de seus conhecimentos. Pois compreende que cada pessoa tem sua história de aprendizagens e com ela pode compartilhar suas experiências e ensinar ao mesmo tempo que aprende algo novo. Como afirma Freire (2014) devemos respeito à autonomia e à identidade das pessoas, pois ensinar não é transferir conhecimento mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Destarte, precisamos ser coerentes e agir em consonância com este saber. Portanto, há o estímulo do pensamento das pessoas sobre a saúde em seu território, sua realidade social e suas vidas (Cruz *et al*, 2024).

Uma escola livre é uma escola que permite a criatividade, a espontaneidade, a liberdade de crenças, costumes, pensamento e cultura, obviamente respeitando os direitos humanos e os direitos da natureza. É uma escola combativa de preconceitos, discriminações e exclusões, focando nos processos de aprendizagem e na horizontalidade do conhecimento.

Outro ponto importante a se destacar é a história da política de saúde no Brasil, praticamente inexistente durante o período colonial e imperial. A saúde brasileira só começa a ter importância de fato com o processo de urbanização e industrialização do país. Assim, a política de saúde é pensada a partir das demandas dos trabalhadores. Mais uma vez o capitalismo mostra a deturpação dos direitos, ao pensar em formas de maximizar sua produção através da mão de obra empregada em seu capital.

Por outro lado, a história de luta e resistência dos povos da Terra nos trouxe novos desafios para o milênio. Já no final do século XX, os movimentos sociais e organizações civis ganharam força. O processo de redemocratização do país mobilizou esses grupos na construção da constituição cidadã. A partir dele novas políticas foram pensadas para o Brasil e assim, nesse contexto, surge a Política Nacional de Educação Popular em Saúde (Cruz *et al*, 2024). Esta política nos mostra a interseção entre educação e saúde de forma ampliada, compreendendo o trabalho não como apenas uma atividade laborativa mas como contribuição humana pessoal, social e global.

A proposta pedagógica orienta caminhos, alternativas e possibilidades de aprendizagens na promoção da saúde. Como expressa Cruz *et al* (2024), a Educação Popular em Saúde constitui-se de movimentos e práticas que atuam na “saúde como possibilidade de construir projetos de felicidade e de perspectivas, horizontes e ambientes propícios para o Bem Viver” (Cruz *et al*, 2024, p. 2). Assim se valoriza o território no enfrentamento dos problemas de saúde, privilegiando a participação ativa das pessoas numa abordagem integrativa de saberes.

Contudo, o agir político não deve se restringir apenas aos serviços institucionalizados tradicionais. Os princípios da educação popular em saúde não são apenas palavras escritas em decretos com assinaturas de autorização de seu funcionamento, mas é a própria prática desses saberes populares, como as oficinas sobre Bem Viver desenvolvidas durante as oficinas. Ou seja, é o território em sua capilaridade que busca dentro de seu espaço produzir mudanças necessárias ao seu Bem Viver. Ao mesmo tempo que se abre para a presença de atores externos que visam a contribuir

com esta mudança. Desta forma, compreende-se a EPS com “um olhar de educação em saúde como elemento que pode ser protagonizado também pelos cidadãos e não apenas pelos profissionais de saúde” (Cruz *et al*, 2024, p. 15).

5.3 A Ecosofia de Bem Viver: cartografias do desejo geográfico ou a geografia moral

A viagem percorrida do *Sumak Kawsai* pela língua confrontou a linguagem estética do bem-estar enquanto sinônimo de saúde. Como alerta Krenak (2020) o bem-estar está apoiado numa ideia de natureza a ser consumida, isto é, o ser humano pode consumir a Terra. O bem estar é uma série de produtos imagéticos do que é a saúde humana. Todavia, a saúde humana em seu sentido ampliado é a plenitude da vida da e na natureza. A linguagem opera na tradução de seus significantes, no qual os signos em sua não-linguagem vão criando novas estratificações de existência.

Esta viagem foi acompanhada de violência colonizadora e extermínio étnico-cultural. Contudo, as reminiscências destes ataques performaram em suas adaptações sincréticas a memória desses povos antepassados que se encontram presentes nas nossas lutas contemporâneas. Krenak (2022) nos propõem o desafio de imaginar cartografias, onde “as narrativas sejam tão plurais que não precisamos entrar em conflito ao evocar diferentes histórias de fundação” (Krenak, 2022, p. 18).

A Ecosofia embora tenha sido fundada por pensadores europeus, nascidos em solo Francês, não se restringe às delimitações deste espaço. A compreensão da micropolítica enquanto aspectos da subjetividade devolve ao desejo a liberdade de sua existência, podendo assim, o desejo não ser controlado como massa de manobra, mas existindo como processo cartográfico produtivo. O desejo é o devir micropolítico no qual o indivíduo é o agrimensor da sua cartografia em camadas do mundo. “Conhecer é, portanto, fazer, criar uma realidade de si e do mundo, o que tem consequência política” (Passos, Kastrup e Tedesco, 2014, p. 30).

Esta é uma cartografia de afetos, pois nela são criadas relações únicas com o mundo e com os seres que neles habitam. Não se trata apenas de uma história segmentada em capítulos de livros. Mas de uma grande rede cheia de furos e pontos de conexão. Com possibilidades de encontro e de fuga. Tampouco se trata de uma arborificação da vida, mas sim de um rizoma compreendido como espaço potencial de transformação e de multiplicidades. Por isso, consideramos o terreiro de Jurema, ou os

agentes envolvidos não como campos de pesquisa, mas como planos (Passos, Kastrup e Tedesco, 2014) que são traçados em cada momento e assim vão se desenhando modos de vida fundamentados na Ecosofia de Bem Viver.

O que chamo de cartografia do desejo geográfico é o desejo de transformação da Geografia, compreendendo esta como um sujeito abstrato mas materializado pelo pensamento humano. Logo, não se trata de uma pesquisa de modo prescritivo, de regras já prontas. Mesmo os objetivos preestabelecidos não estão fechados em si mesmo. Os efeitos da pesquisa intervenção acompanham o traço no plano da experiência sobre o objeto, o pesquisador e a produção de conhecimento (Passos, Kastrup e Tedesco, 2014).

Defender que toda pesquisa é intervenção exige do cartógrafo um mergulho no plano da experiência, lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão à neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes prévios à relação que os liga (Passos, Kastrup e Tedesco, 2014, p. 30).

Assim, o desejo da Geografia moral é sentido pelas pessoas como uma confluência de camadas que são estratificadas e formam a superfície da Ecosofia do Bem Viver. Parte da experiência do saber fazer apoiado na vivência do terreiro enquanto espaço cultural e construtor de saberes populares, isto é, um saber que vem, que emerge do fazer (Passos, Kastrup e Tedesco, 2014). A geografia moral é uma analogia à geologia moral, ou seja, uma crítica à dialética e aos binarismos oposicionistas no qual a geografia moderna se engendrou. Conta os autores que a Terra no princípio era desterritorializada, um grande corpo sem órgãos, sem forma, atravessada por fluxos em todos os sentidos. A estratificação compreende o mundo para além de princípios transcendentais que não fixam seu conhecimento na identidade tampouco na diferença. Krenak (2022) ao falar dessa nossa experiência de ser algo incrível como a água, montanha, rio e assim viver a potência de tomar diferentes caminhos, afirma que “nos sentimos tão profundamente imersos nesses seres que nos permitimos sair de nossos corpos, dessa mesmice da antropomorfia, e experimentar outras formas de existir (Krenak, 2022, p.9)

Os estratos são o que dão forma à matéria, o que aprisiona as intensidades e as singularidades. Produz e organiza sobre o corpo desterritorializado da Terra o molar e o molecular articulando expressão e conteúdo, forma e substância. Opera por código e territorialização, é o próprio julgamento de Deus na Terra. Porém, a Terra foge a esse julgamento concebendo novos códigos, sempre se desterritorializando. Para Krenak (2022, p. 22) “essa configuração do corpo acatada hoje por muitos é apenas uma

instituição pobre fabricada por uma civilização sem imaginação”. Portanto, a estratificação é o processo de criação de estratos, é uma superfície, um plano de consistência que se forma entre duas camadas. Esta superfície forma um agenciamento maquínico no qual forma e substância são formados por um processo intensivo e extensivo.

Este trabalho é inventivo. Sua análise atua na construção da realidade ao mesmo tempo que descreve, intervém e cria efeitos nas subjetividades (Passos, Kastrup e Tedesco, 2014). É uma proposta transversal que produziu agenciamentos maquínicos de contra cultura globalizada. Questionou a dominância de saberes já prontos, da escrita encaixotada como mercadoria, do bem-estar do mundo como uma falácia midiática. A cartografia não se fechou nas oficinas, pelo contrário, abriu-se a novas possibilidades de expansão de sua potência, propondo novos desafios micropolíticos do poder.

Uma imensa reconstrução das engrenagens sociais é necessária para fazer face aos destroços do Capitalismo Mundial Integrado (CMI). Só que essa reconstrução passa menos por reformas de cúpula, leis, decretos, programas burocráticos do que pela promoção de práticas inovadoras, pela disseminação de experiências alternativas, centradas no respeito à singularidade e no trabalho permanente de produção de subjetividade, que vai adquirindo autonomia e ao mesmo tempo se articulando ao resto da sociedade (Guattari, 2014, p.44).

Com geografia moral trago à geografia a responsabilidade aos signos que a compõem. A herança maldita de traçar o globo no planisfério. A terra plana no plano cartográfico tradicional, mapas tricotados de valor territorial e imperialista. O que a geografia tem a ver com isso? Este é o movimento de transdução do saber nômade para que não se aprisione o conhecimento dentro de uma ciência. As diferentes expressões da natureza confluem para o caminho do meio ambiente. O meio integrador e criador.

5.4 Geografia do Bem Viver: a geografia da saúde na perspectiva da ecosofia

Se por um lado precisamos romper com o paradigma médico e manicomial, por outro precisamos criar ações estratégicas de novos sentidos para a geografia da saúde. Assim a geografia do Bem Viver pode integrar as três ecologias em espaços sagrados, concebidas como sendo da alçada de uma disciplina comum ético-estética e, ao mesmo tempo, como distintas uma das outras do ponto de vista das práticas que os caracterizam (Guattari, 2009, p. 55)

O reconhecimento pela OMS da dimensão espiritual da saúde ampliou ainda mais este conceito, abrindo-se a outras cosmovisões e cosmopercepções de viver o

mundo. O Bem Viver é a cura para os males do século porque a valorização da plenitude da vida garante qualidade ao tempo de viver em todas as dimensões que constituem a natureza do ser humano. Não há cultura fora da natureza!

A cultura é a própria complexidade humana em movimento pela natureza. As imagens miméticas criam ritos de passagens para o ser humano, o despertar para a morte vem não através da finalidade em si mesmo, mas como abertura a novos mundos e possibilidades de existência. Contudo, a busca para que isto ocorra de forma harmônica desafia a nós mesmos, povos indígenas e não indígenas, entenderem que quem está de um lado ou do outro lado está fazendo o movimento que move as coisas de lugar. A fluidez da modernidade líquida são os rios voadores, são os rizomas cartografados pelo desejo do devir a ser. Assim, pensar a saúde é uma forma política de combate ao neoliberalismo no qual se possa oxigenar estes espaços democráticos como reconhecimento do futuro ancestral do Bem Viver.

A geografia do Bem Viver nada mais é do que uma renovação da geografia da saúde na qual esta se desmembra totalmente da geografia médica. Ainda que alguns autores queiram equiparar as duas nomenclaturas, é sabido dentro da área da saúde a dominação do sistema médico até os dias atuais. O saber da medicina não pode responder por todas as medidas em nome de uma saúde em sua totalidade. É preciso reconhecer sua importância como elemento construtor e orientador da saúde, mas que está conectado e em expansão com outras áreas do conhecimento. A geografia da saúde precisa saber seu papel dentro desta disputa e somar na ruptura com o modelo biomédico. Para isso não devemos criar um modelo “geomédico” de saúde enfatizando determinismo ultrapassados, mas buscando formas e resgatando saberes ancestrais para que a ciência acadêmica possa exercitar suas funções mentais e incorporar a geografia do Bem Viver como uma nova proposta da geografia.

Parafraseando Paulo Freire, o papel do geógrafo no mundo não é só o de quem constata, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências (Freire, 2014). Assim, não podemos apenas constatar os fatos ou as problemáticas que o condicionam. Devemos lutar, não abaixar a cabeça, não sujeitar nosso desejo ao controle externo do capitalismo maquínico. Precisamos ser inventivos e combativos ao mesmo tempo, não se trata de movimentos de renovação da geografia mas de criação da mesma cotidianamente.

Para Guy Debord (1997) o mundo sensível vem sendo substituído por uma seleção de imagens que existem acima dele. Ao mesmo tempo que as ideias se aperfeiçoam o sentido e as palavras seguem o mesmo rumo. Para Debord (1997) o plágio é necessário implicando no avanço. Ele acerca-se estreitamente da frase de um autor, serve-se das suas expressões, suprime uma ideia falsa, substitui-a pela ideia justa (Debord, 1997, p. 79).

Como argumenta Santos (2023), no mundo globalizado a confusão dos espíritos impede o nosso entendimento do mundo, sendo o baluarte do presente estado de coisas. Se a fábula da globalização também pode ser entendida como uma perversidade da existência, a geografia do Bem Viver pode ser compreendida como uma possibilidade aberta ao futuro de uma nova civilização planetária. Quando Santos (2023) argumenta que esta globalização não vai durar é porque ela não é sustentável. Precisamos de uma reivindicação planetária para os povos, na qual a finalidade seja a manutenção harmônica da Terra.

Desta forma, buscamos ultrapassar as estruturas e processos, a forma e o conteúdo através da elaboração de novos conceitos e categorias que nos leve a uma reflexão crítica e que nos ofereça novas possibilidades de ser e estar no mundo (Santos, 2023). Esta experiência deve ser marcada pela valorização da reciprocidade, da amorosidade, a convivência com a natureza e o respeito a Terra, compreendo esta como um organismo vivo. É preciso que enxerguemos a Natureza viva, como entidades que coabitam o mundo conosco. A geografia humanista nos oferece o solo para semear estas sementes.

Não somos apenas seres no mundo, somos também nossa presença no mundo, com o mundo e com os outros (Freire, 2014). A crise global que vivemos são sucessivas crises cujas evidências se fazem tanto por meio dos fenômenos globais como de manifestações particulares, estruturadas neste período histórico (Santos, 2023). A policrise se retroalimenta, cria insegurança e doenças crônicas ao mesmo tempo que criam soluções não estruturais, cujo resultado é a geração de mais crise (Santos, 2023).

A geografia da saúde na perspectiva da ecosofia é em sua prática a própria ação geográfica que não sucumbe ao seu determinismo. Tampouco, envereda a dicotomias ultrapassadas de possibilismo. O espaço vital, o espaço real se encontram no espaço geográfico, assim como o espaço simbólico, o espaço imaginário, o espaço virtual e o espaço potencial. A territorialidade geográfica cria novas relações dentro desses

espaços, emerge como novas problemáticas e significações. O professor de geografia não pode passar a vida repetindo aulas esperando que seus alunos passem de ano, enquanto o mesmo fica preso a estrutura escolar. Ser combativo é utilizar-se da inteligência geográfica e de seus conhecimentos para uma prática integradora, como aqui proposta entre a geografia da saúde e o Bem Viver.

5.5 De volta ao espaço-tempo da Jurema Sagrada: o movimento do futuro ancestral

“O terreiro é uma casa acolhedora, de irmãos, aonde aqui a gente perde os títulos lá fora. São todos aqui meu pai, minha mãe, meu irmão, é uma família unida. Essa casa, esse terreiro, como queira nominar, é um grande útero que cabe todos os seus filhos. E todos encontram aconchego, respeito, carinho e quando necessário, o apoio” (Grupo Ofá).

Se o humano custa caro, a natureza é de graça. O que a Jurema tem a ver com isso?

A Jurema Sagrada esteve presente em todos os momentos deste trabalho. Os fundamentos e ensinamentos dela são transmitidos oralmente. É na oralidade e no respeito à ancestralidade que a Jurema tem sua força. Muitos são os pontos em comum que podemos traçar com a própria organização social e científica. Por exemplo, falamos da ciência da Jurema que nada tem a ver com a ciência acadêmica, mas que também merece seu lugar gnosiológico. Não se trata de conhecimento religioso em seu sentido estrito, pois sua ciência é ampla e está presente nas reminiscências culturais afro-ameríndias.

Se quisermos enveredar mais para a geografia, podemos mencionar também as cidades da Jurema. Territórios existenciais que nada tem a ver com as cidades urbanas modernas. Falamos de cidades e reinos antigos que estão no outro mundo de lá, isto é, não possuem correlatos específicos com o planeta Terra, podendo variar sua localização. Entretanto, há sim que se mencionar a presença de lugares sagrados para a Jurema como a própria espécie de jurema preta (*Mimosa Tenuiflora*) presente no semiárido nordestino, a pedra de Tambaba na cidade de Alhandra-PB. A rua da Guia, rua da Aurora, bairros de Afogados, Espinheiro, Casa Amarela, esses na cidade do Recife-PE. Muitas são as relações, principalmente, com a vida cotidiana nordestina. Estes lugares falam de um passado presente na Jurema no qual a encantaria se renova. É o futuro ancestral que expande a consciência e cultiva boas interrelações.

Esta renovação acontece pela presença dos adeptos da Jurema, os catimbozeiros, os macumbeiros, os mandingueiros, os capangueiros, os quimbandeiros, os juremeiros, os povos de terreiro que resistiram historicamente e permanecem vivos mantendo a vivacidade de sua cultura, espiritualidade e religiosidade. Um passo à frente e não estaremos mais no mesmo lugar. Assim caminha a humanidade enquanto toda a mecânica celeste se movimenta em órbitas elípticas. A gravidade da terra pode colocar mais que nossos pés no chão. Enterrar nosso corpo no espaço-tempo da ancestralidade futura. Que tipo de exemplos seremos para os que nos acompanham?

Assim, compreendemos a Jurema Sagrada neste trabalho na santíssima trindade das três ecológicas. A ecologia mental podendo ser entendida através dos agentes envolvidos nesta pesquisa, sendo estes sujeitos que incorporaram não identidades fixas, mas multiplicidades de entidades que manifestaram-se através da consciência e materializaram-se nas produções. Já a ecologia social pode ser entendida como o próprio terreiro, ou seja, o espaço cultural no qual os juremeiros fazem seus ritos e criam um centro de cultura no qual nasceu a Escola Livre Xotwkaxe.

Já a ecologia ambiental na Jurema Sagrada está ligada não só ao culto dos mortos. Mas, também, a natureza viva e encantada. Ou seja, a natureza encarnada no próprio ser humano. A vida não morre nessa perspectiva pois é resgatada pela memória ancestral e inconsciente coletivo.

O princípio comum às três ecologias consiste, pois, em que os **territórios existenciais** com os quais elas nos põem em confronto não se dão como um em-si, fechado sobre si mesmo, mas como um para-si precário, finito, finitizado, singular, singularizado, capaz de bifurcar em reiteraões estratificadas e mortíferas ou em abertura processual a partir de práxis que permitam torná-lo “habitável” por um projeto humano (Guattari, 2009, p. 37).

Entrar num território existencial já é modificá-lo, o agente da intervenção passa a compor o território sendo transformado concomitantemente (dos Santos, 2016). Os registros das três ecologias são da alçada do que Guattari (2014) chama de heterogênese, ou seja, um processo contínuo de resingularização.

É essa abertura práxica que constitui a essência desta **arte da “eco”** subsumindo todas as maneiras de **domesticar os territórios existenciais**, sejam eles concernentes às maneiras íntimas de ser, ao corpo, ao meio ambiente ou aos grandes conjuntos contextuais relativos à etnia, à nação ou mesmo aos direitos gerais da humanidade (Guattari, 2009, p. 37-38).

Estamos em busca da terra onde não se morre. A oralidade nos traz a memória antepassados que se tornam presentes. A escrita nos ameaça de morte. A palavra escrita aprisiona. A palavra falada liberta. A casa da sabedoria tem portas e janelas abertas, convida todos nós a entrar e a participar de suas encantarias.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das cosmovisões muitas esferas da Terra, hodierno, podem ser consideradas camadas, antes desdenhada pela ciência, tal qual a atmosfera, a troposfera, a biosfera, a hidrosfera, a litosfera, a pedosfera, a estratosfera, a ionosfera, e a até mesmo, a exosfera, são multiplicidades capturadas pelo positivismo. Assim, suas afirmativas são incontestáveis ciências. Contudo, estas ciências são validadas pela verdade cientificista. O fetichismo científico é uma anacronia da própria ciência. Sua episteme imperialista nos afastou de nossas camadas mais profundas, como a noosfera, e mesmo da mecanosfera e da tecnosfera.

A pandemia jamais vista do século XXI. Os perigos que os agravos da saúde pública causam enquanto processo de adoecimento e extermínio de povos em comorbidades com os determinantes sociais. A linguagem biomédica testemunhou uma linguagem expressiva em máscaras que alterou formas de interação social e contatos afetivos distanciados dos contratos físicos.

Hodierno, no pós-pandemia é urgente um pensamento ecosófico para o Bem Viver. O professor de Geografia, bem como o geógrafo, precisam trabalhar de forma interdisciplinar, mantendo as características do despertar para um pensamento crítico e reflexivo da realidade. Será preciso um esforço coletivo da classe profissional para que se encontre na classe trabalhadora, descentralizando os conhecimentos de sua disciplina e democratizando o controle da educação. As territorialidades produzidas no espaço-tempo das relações entre indivíduo, comunidade e planeta precisam estar presentes na vida dos estudantes como alternativas às visões simplistas de uma formação alienada ao mercado de trabalho. Contudo os efeitos endêmicos da saúde biomédica hospitalocêntrica, da educação bancária neoliberal e do meio ambiente compreendido enquanto recurso econômico impõe barreiras a uma vida saudável.

Essas oficinas permitiram que os participantes da pesquisa ampliassem sua capacidade de compreensão crítica da Ecosofia do Bem Viver, através das instituições nas quais se inserem, principalmente no terreiro de Jurema Sagrada, no qual a ação dos atores envolvidos contribuiu para uma micropolítica de si mesmos, dos outros e da dinâmica social e histórica.

Sendo os terreiros de Jurema Sagrada um espaço comunitário no qual acontecem *Praia* (reuniões) espirituais, a oficina apresenta-se como uma importante estratégia de

ações ecosófica para o bem viver. Destarte, é de suma importância projetos de intervenção que contribuam para a transformação social e promoção da saúde, além de criar espaços de comunicação interdisciplinar. A ecosofia do bem viver pode promover saúde na escola concomitante a uma educação em saúde, sendo fundamental à constituição de cidadãos do mundo. A cartografia contribuiu para a criação de mapas desterritorializados ampliando o alcance da geografia para uma geografia da saúde integrada.

Dado o exposto, é preciso continuar construindo e propondo projetos de mudança micropolítica que subverta a lógica dominantes e que transformem as práticas moralistas em ações ética-estética, artísticas e políticas. Este trabalho não começa em sua introdução nem finda nesta seção. Este é apenas um recorte mnemônico no tempo-espaço no qual flui a estratificação do que chamei Geografia de Bem Viver.

Muitos foram os desdobramentos que nos levam a novos caminhos. Outras trajetórias começam a ser traçadas e novas cartografias começam a ser criadas. O surgimento da Escola Livre Xotwkaxe foi a contribuição mais valorosa desse trabalho, pois é através dela que garantiremos a continuidade da pesquisa e o fortalecimento do centro cultural em formação.

Não se buscou aqui interpretar ou fazer análises preconcebidas. Tampouco está na escrita as informações mais úteis a serem trabalhadas. O não dito na escrita tem seu signo na não linguagem, fica nas entrelinhas para aqueles que são de fato tocados e que através do processo de transdução conseguem absorver a forma e o conteúdo em sua integralidade.

Não se pretendeu traduzir as palavras dos pesquisadores mas de enunciá-las como são. A vida como ela é. Se você chegou até aqui e não entendeu esse trabalho como uma pesquisa tradicional da ciência acadêmica tenho em meu coração o dever cumprido de não ter contribuído só para a ciência, mas para o saber popular, a cultura e a espiritualidade.

A ciência é uma raiz encantada onde canto meu verso. Os pontos abordados neste trabalho conectam-se com outros pontos que são criados e desmaterializados. O movimento da pesquisa não se finda nas apresentações acadêmicas, pois a ciência não é refém das universidades. É nas multiversidades que esta pesquisa vai criando suas multiplicidades.

Considero também que o trabalho pesquisado não cabe numa monografia. Pois este trabalho seguiu o caminho da multiplicidade, dos multiversos, da interdisciplinaridade e da transversalidade. A monografia tem muito mais em comum com as heranças colonialista da monocultura, do monoteísmo, da monogamia e do monocromático. Assim, este trabalho vem de dentro pra fora. Não é a partir dele que se começa, pois nada mais seria que um conhecimento partido. Se trata de uma aglomeração pós-pandêmica de saberes ancestrais adaptados à realidade científica. Provavelmente, não se encaixa e assim estamos certo que a missão foi cumprida. E que essas nossas inquietações nos façam ir mais adiante. Pois, se no presente precisamos sobreviver, no futuro ancestral é sobre Bem Viver.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Editora Elefante, 2016.
- ALBAGLI, Sarita. **Território e territorialidade**. Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia competitiva. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.
- ANUTE, Pollyana Furtado; DE PAULA, Iago Sales; DE FARIAS, Cleilton Sampaio. As correntes filosóficas na geografia da saúde. **Uáquiri**, Rio Branco, v. 2, n. 2, p. 16-16, 2020.
- BARCELLOS, Christovam; BUZAI, Gustavo D.; SANTANA, Paula. Geografia de la salud: bases y actualidad. **Salud colectiva**, Buenos Aires, v. 14, n. 1, p. 1-4, 2018.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 2017.
- BEZERRA, Anselmo César Vasconcelos. A Geografia da Saúde frente à Pandemia de COVID-19. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 4, n. 42, p. 135-151, 2020.
- BRAGA, Ramon O. B. **A geografia da saúde na geografia escolar do ensino médio, no contexto dos colégios estaduais de Curitiba/PR: uma análise crítica**. 2015. 132 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Programa de Pós-graduação em Geografia-Sector de Ciências da Terra, UFPR, Curitiba/PR, 2015.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC): educação é a base**. Brasília, MEC, 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria n. 2.761** de 19 de Novembro de 2013. Brasília, MS, 2013.
- CRUZ, Pedro José Santos Carneiro *et al.* Educação popular em saúde: princípios, desafios e perspectivas na reconstrução crítica do país. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 28, 2024.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DIAS, Renata Dias Renata; JUNQUEIRA, Dias. Geografia Médica ou da Saúde. **Hygeia**, [S. l.], v. 5, n. 8, jun. 2009. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/16931>. Acesso em: 23 dez. 2024.
- DIAS, Mariana Andreotti; MENDONÇA, Francisco. Alternatividades em saúde humana e a geografia da saúde. **Hygeia**, [S. l.], v. 16, p. 264-281, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/56781>. Acesso em: 23 nov. 2024.
- DOS SANTOS, Dina Maria Rosário. Territórios existenciais e narrativas de trajetórias escolares. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v.1, n.2, p. 356-369, 2016.

DUARTE, Ligia Schiavon et al. Regionalização da saúde no Brasil: uma perspectiva de análise. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 24, p. 472-485, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/cKdvDBTfQJnTtBTkPdTtykr/?lang=pt>. Acesso em: 23 dez. 2024.

FARIAS, Cleilton Sampaio. O ensino da Geografia da Saúde no Acre. **Hygeia**, [S. l.], v. 10, n. 18, p. 250-263, 2014. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/26395>. Acesso em: 23 dez. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. 20. ed. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 2009.

GUEDES, Diego Nunes et al. Uma abordagem da Geografia da Saúde no município de Cabaceiras-PB. **Hygeia**, [S. l.], v. 8, n. 14, p. 168-177, 2012. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/17101>. Acesso em: 23 jan. 2025.

GUIMARÃES, R. B. **Saúde: fundamentos de geografia humana**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

GUIMARÃES, Raul Borges. Geografia e saúde coletiva no Brasil. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v. 25, p. 869-879, 2016.

GUIMARÃES, Raul Borges; PICKENHAYN, Jorge Amancio; LIMA, Samuel do Carmo. **Geografia e saúde sem fronteiras**. Uberlândia, Assis Editora, 2014.

JUNQUEIRA, Dias. Geografia Médica e Geografia da Saúde. **Hygeia**, [S. l.], v. 5, n. 8, p. 57-91, 2009.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a Cultura do Bem Viver**. Org. Bruno Maia, Rio de Janeiro, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2022.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 6. ed. Brasília: Unesco/Cortez, 2000.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. 207 p.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2015. 310 p. (v. 2).

- PEITER, Paulo Cesar. **A geografia da saúde na faixa de fronteira continental do Brasil na passagem do milênio**. 2005. 334 f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. Geografia da Saúde por dentro e por fora da geografia. *Hygeia*, [S. l.], v. 17, p. 121-132, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/58055>. Acesso em: 23 dez. 2024.
- PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. Conhecimento geográfico para a Promoção da Saúde. *Hygeia*, [S. l.], v. 6, n. 10, 2010. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/16978/9364>. Acesso em: 23 jan. 2025.
- PICKENHAYN, Jorge Amâncio. La Geografía de la Salud y el aporte de Foucault. *Hygeia*, [S. l.], v. 4, n. 6, p. 204-214, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/16903>. Acesso em: 23 nov. 2022.
- RIBEIRO, Helena. Geografia da saúde no cruzamento de saberes. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 23, p. 1123-1124, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/84K5fNsDhH4xfkxNbHBHzYG/?lang=pt>. Acesso em: 23 jan. 2025.
- ROLNIK, Suely; GUATTARI, Félix. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record. 2023.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2022.
- VAZ, Dirley dos Santos. Algumas considerações sobre a geografia médica e da saúde, novas perspectivas para a geografia brasileira. *Hygeia*, [S. l.], v. 6, n. 11, p. 6-16, 2010. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/16896>. Acesso em: 23 nov. 2024.
- VAZ, Dirley dos Santos; REMOALDO, Paula Cristina Almeida. A geografia da saúde brasileira e portuguesa: algumas considerações conceituais. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 173-192, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74242>. Acesso em: 23 jan. 2025.
- VIEIRA, Maglis; TRISTÃO, Martha. Algumas aproximações da educação ambiental com o pensamento decolonial, a ética Ubuntu e o Bem Viver. **Ambiente & Educação**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 296-324, 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/13109/9059>. Acesso em: 23 jan. 2025.